



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE PORTO NACIONAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

MAGDA SOUTO ROSA DO MONTE

**VARIAÇÃO LEXICAL E FONOLÓGICA NA LIBRAS:
SINAIS UTILIZADOS POR SURDOS IDOSOS E SURDOS JOVENS EM
RECIFE-PE**

Porto Nacional, TO
2025

Magda Souto Rosa do Monte

**Variação lexical e fonológica na Libras:
Sinais utilizados por surdos idosos e surdos jovens em Recife-PE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT),
como requisito à obtenção do grau de Mestra em Letras.

Orientador: Bruno Gonçalves Carneiro

Porto Nacional, TO
2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- M772v Monte, Magda Souto Rosa do
Variação leical e fonológica na Língua: Sinais utilizados por surdos idosos e surdos jovens em Recife-PE. / Magda Souto Rosa do Monte. – Porto Nacional, TO, 2025.
111 f.
Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional. - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) em Letras, 2025.
Orientador Bruno Gonçalves Carneiro
1. Variação fonológica. 2. Variação leical. 3. Língua. 4. Comunidade surda de Recife. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizada desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Magda Souto Rosa do Monte

**Variação lexical e fonológica na Libras:
Sinais utilizados por surdos idosos e surdos jovens em Recife-PE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras. Foi avaliado para a obtenção do título de Mestra em Letras e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: ____ / ____ / ____

Banca Examinadora

Prof. Dr. Bruno Gonçalves Carneiro, UFT - Orientador

Prof. Dr. Renato Jefferson Bezerra Leão, UFT - Avaliador interno

Prof^ª. Dr^ª. Miriam Royer, UFCA - Avaliador externo

Prof. Dr. Carlos Roberto Ludwig, UFT - Suplente

*Dedico esta dissertação ao meu pai, José Souto Rosa (in
memoriam),
à minha mãe, Córdélia Souto Rosa,
aos meus irmãos, Sayonara Souto Rosa da Costa, Nelson Souto
Rosa, José Filho e Fabiano Souto Rosa,
e à minha amiga Wanda Maria Paiva Pinheiro (in memoriam).*

*Cada encontro é um semear,
em solos de união e compreensão,
cultivando com cuidado e olhar
as raízes de um bom relacionamento.
Isso é o que torna o aprendizado o
conhecimento e o florescer da vida.*

(Magda Souto e Wanda Pinheiro (in memoriam))

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiro a Deus por consentir que eu chegasse onde cheguei. Obrigada, senhor!

Agradeço à minha família, iniciando pelos meus pais, José Souto Rosa (*in memoriam*) e Cordélia Souto Rosa. Também agradeço a meus irmãos, Sayonara Souto Rosa, Nelson Souto Rosa, José Souto Rosa Filho e Fabiano Souto Rosa, que com seus exemplos me ensinaram a acreditar na educação. A Paulo José Lira do Monte (meu marido) e à Paulina Souto Rosa do Monte (filha). Às minhas queridas sobrinhas, Beatriz, Clara, Letícia, Fiorella e Florence. A meus cunhados, Heraldinho, Erika, Francielle e Fausthon, que sempre me apoiaram e me deram força. Paulina, Fabiano e Francielle foram muito importantes, pois me ajudaram em minhas decisões.

Minha homenagem póstuma à Wanda Maria (minha melhor amiga, a qual tomei como modelo). À inesquecível Angelita (*in memoriam*), que cuidou de mim e zelou por minha infância. Com ela aprendi alguns sinais (de mímica e sinais caseiros) que uso até hoje. Aos meus amigos surdos, que me acolheram: gratidão à Gleide Christiana, à Leane Pereira, a Paulo Moreira, à Terezinha de Jesus e a toda a comunidade surda de Recife.

Não posso esquecer de agradecer à Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), que disponibilizou uma sala, o servidor Samuel Feijó Melo, o técnico Leonardo Rodrigues Cabral e um aluno bolsista para que eu realizasse as entrevistas (com surdos idosos e surdos jovens). Todos eles foram muito gentis e importantes para o meu trabalho de mestrado. Meu especial agradecimento ao meu orientador, Bruno Gonçalves Carneiro, pela dedicação e paciência a mim dispensadas nas longas horas de estudos, durante as quais tirou minhas dúvidas e me ensinou tudo que aprendi sobre a pesquisa. Bruno Carneiro, você foi, realmente, além de professor e orientador, o maior colaborador neste curso do mestrado que hoje concluo.

Agradeço ao professor Renato e à professora Miriam por participarem da banca de qualificação e de defesa desta dissertação. As suas contribuições foram muito importantes para a condução e finalização desta pesquisa.

Registro também meu obrigada à Alanna Alencar e família, que abriram as portas de sua casa e tão bem me acolheram nesse tempo que passei em Palmas (TO). Sem esse acolhimento teria sido mais difícil. Apesar de longe de minha família, com vocês me sentia em casa. Vocês permanecerão no meu coração.

A todos que me acolheram, meu muito obrigada e minha eterna gratidão!

RESUMO

Esta pesquisa é um levantamento de formas variantes na língua brasileira de sinais (Libras), realizado a partir de sinalizantes surdos jovens e idosos da cidade de Recife, estado de Pernambuco. O objetivo geral do trabalho é identificar variação de sinais relativos a numerais, parentesco, cores e alimentos. Os objetivos específicos são identificar formas variantes a nível fonológico e lexical desses sinais especificados e propor critérios para a distinção entre variação fonológica e lexical. Partimos do pressuposto de que a língua é um sistema heterogêneo e dinâmico, à qual fenômenos de variação e mudança são inerentes (Bagno, 2022; Pretti, 1974), e de estudos sobre variação na Libras (Quadros *et al.*, 2023; Xavier; Barbosa, 2017). Os dados para essa investigação foram coletados a partir da elicitación de sinais de 8 informantes surdos, estratificados de acordo com os seguintes fatores: gênero e idade, sendo 4 surdos jovens e 4 surdos idosos, estando 2 homens e 2 mulheres em cada um dos grupos etários. Os dados foram gravados em vídeo e analisados a partir da utilização do *software* Eudico Linguistic Annotator (ELAN). A pesquisa identificou formas variantes de sinais relativos a numerais, parentesco, cores e alimentos. Embora ainda não tenhamos uma proposta sobre a distinção entre variação fonético-fonológica e lexical na Libras, a partir dos dados, sugerimos que a variação lexical acontece quando, no mínimo, dois parâmetros primários são diferentes e que a variação fonético-fonológica acontece quando um único parâmetro primário é diferente, quando um parâmetro primário e um secundário são diferentes, quando apenas um parâmetro secundário é diferente ou quando dois parâmetros secundários são diferentes.

Palavras-chave: Variação fonológica. Variação lexical. Libras. Comunidade surda de Recife.

ABSTRACT

This research is a survey of variant forms in Libras, based on signs used by elderly and young deaf people in the city of Recife, state of Pernambuco. The general objective of the work is to identify variations in signs related to numerals, kinship, colors, and food. The specific objectives are to identify variant forms at the phonetic-phonological and lexical levels in numerals, kinship, colors, and food, and to propose criteria for distinguishing between phonological and lexical variation. We assume that language is a heterogeneous and dynamic system, in which phenomena of variation and change are inherent to it (Bagno, 2022; Pretti, 1974), and from studies on variation in Libras (Quadros et al, 2023; Xavier; Barbosa, 2017). We do not yet have a proposal on the distinction between phonetic-phonological and lexical variation in Libras. For data collection and analysis, data were collected by eliciting signs from 8 deaf informants, stratified according to the following factors: sex and age: 4 elderly and young deaf individuals and 4 deaf individuals, 2 men and 2 women in each group. The data were recorded on video and analyzed using Elan software. The research identified variant forms in signs for numbers, kinship, colors and food. Based on the results, we suggest that lexical variation occurs when at least two primary parameters are different. Phonetic-phonological variation occurs when only one primary parameter is different, or only one primary and one secondary parameter are different, or only one secondary parameter is different, or two secondary parameters are different.

Keywords: Phonetic-phonological variation. Lexical variation. Libras. Deaf community of Recife.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Configuração de mão como parâmetro distintivo entre COSTUME e EDUCAÇÃO	24
Figura 2 – Locação como parâmetro distintivo entre APRENDER e SÁBADO.....	25
Figura 3 – Movimento como parâmetro distintivo entre VERDE e GELADO	25
Figura 4 – Configuração de mão do sinal EU	26
Figura 5 – Sinal EU com a mesma configuração de mão do sinal VER	26
Figura 6 – Antecipação da boia de listagem três	26
Figura 7 – Perseveração da mão não dominante do sinal PRÓPRIO.....	27
Figura 8 – Sinal CAPAZ articulado de maneira alinhada	27
Figura 9 – Sinal CAPAZ articulado com abaixamento da mão não dominante.....	27
Figura 10 – Sinal NASCER articulado de maneira bimanual	28
Figura 11 – Sinal NASCER com apagamento da mão não dominante	28
Figura 12 – Sinal EU localizado na parte centra do tórax	29
Figura 13 – Sinal EU localizado mais à lateral (lado da mão dominante)	29
Figura 14 – Sinal SÃO PAULO na região lateral da testa	29
Figura 15 – Sinal SÃO PAULO na região central da testa	30
Figura 16 – Sinal PROFESSOR localizado na altura do tórax	30
Figura 17 – Sinal PROFESSOR localizado em área mais alta.....	30
Figura 18 – Sinal PENSAR com contato com o corpo.....	31
Figura 19 – Sinal PENSAR sem contato com o corpo	31
Figura 20 – Sinal CORAÇÃO e sua forma de citação	31
Figura 21 – Sinal CORAÇÃO com redução na quantidade de rotação do punho	32
Figura 22 – Edith Nogueira e o Instituto Domingo Sávio Surdos Mudos: Deficientes da Linguagem	35
Figura 23 – Instituto Domingo Sávio Surdos Mudos na Av. 17 de agosto, 428/468.....	36
Figura 24 – Instituto Domingo Sávio Surdos Mudos na Av. Entrada do Arraial, 3379, em Casa Amarela	36
Figura 25 – Instituto Domingo Sávio para Surdos na Av. Encantamento, 633.....	37
Figura 26 – Oficinas no Instituto Domingo Sávio para Surdos.....	38
Figura 27 – O Monsenhor Vicente Penido Burnier.....	39
Figura 28 – Padre surdo Vicente e alunos do Instituto Domingo Sávio para Surdos.....	39
Figura 29 – O Monsenhor Vicente Penido Burnier na comunhão de 5 surdos e 1 ouvinte	39
Figura 30 – O Monsenhor Vicente Penido Burnier	40
Figura 31 – O Monsenhor Vicente Penido Burnier e Antônio Abreu	40
Figura 32 – Padre Eugênio e a Irmã Josefina	41
Figura 33 – Imagem da fachada do SUVAG de Pernambuco e logomarca da instituição.....	42
Figura 34 – Antônio Barro de Neto (à esquerda), Virgínia Barry (ao centro) e Eugênio Oates (à direita)	44
Figura 35 – Contato surdo-surdo no Educandário Nossa Senhora de Lourdes.....	45
Figura 36 – Terezinha de Jesus (à esquerda), Carlos Wagner (ao centro) e a logomarca (à direita).....	45
Figura 37 – Participantes da pesquisa.....	47
Figura 38 – Estúdio de gravação do Letras-Libras da UFPE	48
Figura 39 – Estudo piloto	49
Figura 40 – Posicionamento das câmaras.....	50
Figura 41 – Primeiro participante homem, surdo e idoso.....	51
Figura 42 – Primeira participante mulher, surda e idosa	52

Figura 43 – Segunda participante mulher, surda e idosa.....	53
Figura 44 – Segundo participante homem, surdo e idoso.....	54
Figura 45 – Primeiro participante homem, surdo e jovem.....	56
Figura 46 – Primeira participante mulher, surda e jovem.....	57
Figura 47 – Segunda participante mulher, surda e jovem.....	58
Figura 48 – Segundo participante homem, surdo e jovem.....	59
Figura 49 – Elicitação em dupla.....	61
Figura 50 – Limitação da coleta de dados.....	61
Figura 51 – Primeira dupla de surdos idosos.....	61
Figura 52 – Segunda dupla de surdos idosos.....	62
Figura 53 – Primeira dupla de surdos jovens.....	62
Figura 54 – Segunda dupla de surdos jovens.....	63
Figura 55 – Parâmetros primários e parâmetros secundários.....	64
Figura 56 – Variação fonético-fonológica de SEIS e lexical de VINTE.....	65
Figura 57 – Variação lexical.....	66
Figura 58 – Variação fonético-fonológica.....	66
Figura 59 – Variação do numeral QUATRO.....	67
Figura 60 – Variação do numeral SEIS.....	68
Figura 61 – Variação do numeral SETE.....	68
Figura 62 – Variação do numeral DEZ.....	69
Figura 63 – Variação do numeral VINTE.....	70
Figura 64 – Variação do sinal BATATA.....	76
Figura 65 – Variação do sinal ABACAXI.....	78
Figura 66 – Variação do sinal MACACUJÁ.....	79
Figura 67 – Variação do sinal MACARRÃO.....	80
Figura 68 – Variação do sinal MORANGO.....	81
Figura 69 – Variação do sinal AMARELO.....	89
Figura 70 – Variação do sinal VERMELHO.....	90
Figura 71 – Variação do sinal ROSA.....	91
Figura 72 – Variação do sinal AZUL.....	92
Figura 73 – Variação do sinal BRANCO.....	93
Figura 74 – Variação do sinal VOV@.....	97
Figura 75 – Variação do sinal PAI.....	98
Figura 76 – Variação do sinal IRMÃO.....	99
Figura 77 – Variação do sinal FILHO.....	100
Figura 78 – Variação do sinal CUNHADO.....	101

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Duração da elicitação com a primeira dupla de idosos	62
Quadro 2 – Duração da elicitação com a segunda dupla de idosos	62
Quadro 3 – Duração da elicitação com a primeira dupla de jovens	62
Quadro 4 – Duração da elicitação com a segunda dupla de jovens.....	63
Quadro 5 – Variação fonético-fonológica do sinal QUATRO	71
Quadro 6 – Variação fonético-fonológica do sinal SEIS	72
Quadro 7 – Variação fonético-fonológica do sinal setembro	73
Quadro 8 – Variação lexical do sinal DEZ.....	74
Quadro 9 – Variação lexical do sinal VINTE.....	75
Quadro 10 – Variação fonético-fonológica do sinal BATATA	84
Quadro 11 – Variação fonético-fonológica do sinal ABACAXI	85
Quadro 12 – Variação lexical do sinal MACARRÃO	86
Quadro 13 – Variação lexical do sinal MARACUJÁ.....	88
Quadro 14 – Variação fonético-fonológica do sinal AMARELO.....	94
Quadro 15 – Variação fonético-fonológica do sinal VERMELHO	95
Quadro 16 – Variação lexical do sinal ROSA.....	96
Quadro 17 – Variação fonético-fonológica do sinal FILH@	103
Quadro 18 – Variação fonético-fonológica do sinal CUNHADO.....	104
Quadro 19 – Variação lexical do sinal IRMÃO	105

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEE	Atendimento Educacional Especializado
APAE	Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais
ASL	<i>American sign language</i> (língua de sinais americana)
ASSPE	Associação de Surdos de Pernambuco
Av.	Avenida
CAC	Centro de Artes e Comunicação
CAS	Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez
DODA	<i>Deaf of deaf adults</i> (filho surdo de pais surdos)
ELAN	Eudico Linguistic Annotator
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
IDSS	Instituto Domingo Sávio para Surdos
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
L1	Primeira língua
Libras	Língua brasileira de sinais
PE	Pernambuco
SEA	Serviço de Atendimento Educacional
SUVAG	Sistema Universal Verbotonal de Audição Guberina
TO	Tocantins
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFRPE	Universidade Federal Rural de Pernambuco
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFT	Universidade Federal do Tocantins

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	ASPECTOS DA VARIAÇÃO NAS LÍNGUAS	20
2.1	2.1 Heterogeneidade das línguas naturais	20
2.2	Aspectos (sub)lexicais da Libras e variação	23
3	COMUNIDADE SURDA EM RECIFE	34
3.1	Escolas para surdos em Recife e a constituição de uma comunidade surda	34
3.1.1	Instituto Domingo Sávio Surdos Mudos: Deficientes da Linguagem	34
3.1.2	Centro SUVAG de Pernambuco	41
3.1.3	Associação de Surdos de Pernambuco (ASSPE)	42
4	METODOLOGIA	45
4.1	Características da pesquisa	45
4.2	Fonte dos dados	45
4.3	Perfil dos participantes	50
4.3.1	Primeiro participante homem, surdo e idoso	40
4.3.2	Primeira participante mulher, surda e idosa	51
4.3.3	Segunda participante mulher, surda e idosa	52
4.3.4	Segundo participante homem, surdo e idoso	53
4.3.5	Primeiro participante homem, surdo e jovem	55
4.3.6	Primeira participante mulher, surda e jovem	56
4.3.7	Segunda participante mulher, surda e jovem	57
4.3.8	Segundo participante homem, surdo e jovem	58
4.4	Categorias de análise	59
5	RESULTADOS E ANÁLISE	64
5.1	Diferença entre variação fonético-fonológica e lexical	64

5.2	Variação em sinais numerais	67
5.2.1	Variação fonético-fonológica	70
5.2.2	Variação lexical	73
5.3	Variação em sinais de alimentos	75
5.3.1	Variação fonético-fonológica	82
5.3.2	Variação lexical	86
5.4	Variação em sinais de cores	88
5.4.1	Variação fonético-fonológica	93
5.4.2	Variação lexical	95
5.5	Variação em sinais de parentesco	96
5.5.1	Variação fonético-fonológica	102
5.5.2	Variação lexical	104
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	106
	REFERÊNCIAS.....	109

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é um estudo sobre as variações fonético-fonológicas e lexical na Libras, sinalizadas por surdos idosos e surdos jovens na cidade de Recife, estado de Pernambuco. A pesquisa é desenvolvida por uma pesquisadora surda e, por isso, relato brevemente a minha trajetória pessoal, acadêmica e profissional.

Sendo minha mãe professora, todos os dias, antes de trabalhar, deixava-me na casa dos meus avós maternos, Antônio Rodrigues Souto e Rosinha Araujo. Aos três meses, minha tia Carmélia Araujo Souto notou que, apesar de o relógio centenário da parede tocar de 15 em 15 minutos, eu não me assustava. Disse aos pais dela, que após isso também notaram, e comunicou suas suspeitas aos meus pais, que foram orientados por um primo, estudante de medicina, o qual nos acompanhou ao Dr. Djalma Breda, otorrinolaringologista renomado em Maceió. Após alguns exames, saiu o diagnóstico de surdez total e o aconselhamento de procurarem uma escola apropriada para crianças surdas. Passado o primeiro choque dos meus pais, só pensavam em achar essa escola.

No ano seguinte, nasceu minha irmã, Sayonara. Aprendi muito com ela porque vivíamos juntas. Foi ela que me aproximou das outras crianças, tornando possível nossa convivência. Angelita (*in memoriam*), pessoa que cuidava de mim, também me ensinou muito. Seu amor e sua dedicação deixaram marcas de sabedoria em minha vida.

Como sempre fui curiosa, procurava ver nas pessoas e nos objetos algo que pudesse identificá-los. Os primeiros a receberem sinais de identificação foram meus irmãos. Sayonara chupava o dedo polegar, então até hoje colocar o dedo na região de boca é sua identificação. Nelsinho fazia fisioterapia, daí o movimento com a mão direita identifica-o. Zé Soutinho tinha a mania de coçar os olhos, por isso esse é o sinal que o identifica. Fabiano, caçula da família, é identificado com os dedos sobre a boca imitando os bigodes dos gatos, já que ama muito esses animais. Como Angelita (*in memoriam*) usava o cabelo curto, foi batizada com um movimento da mão na testa. E assim, de observação em observação, toda a minha família e amigos receberam sua identificação.

Sempre recebi amor, carinho e respeito de todos. Nunca fui identificada entre outras pessoas como muda ou deficiente, pois minha mãe e Sayonara se encarregaram de dizer a todos que, mesmo surda, eu tinha um nome.

Para seguir relatando a história da minha trajetória, não abordarei mais o início, mas sim o que aconteceu a partir do marco do fim do meu primeiro começo, porque nasci duas vezes: a primeira foi quando nasci da minha mãe e a segunda foi quando conheci a escola. Escrever

sobre minha trajetória, num primeiro momento, não me pareceu ser importante, mas, assim que comecei a descrevê-la, percebi as influências dos acontecimentos na formação de minha pessoa e de minha identidade, bem como na pesquisa que realizei no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Tocantins (UFT).

Como já disse, no primeiro começo, após o diagnóstico médico, meus pais se dedicaram a encontrar a melhor educação para mim. A grande oportunidade apareceu durante a visita do Dr. Jaime de Altavilla (o então secretário da educação de Alagoas) à cidade de Jacaré dos Homens. Ele notou minha comunicação por meio de sinais, procurou conhecer meu pai e, após uma conversa entre os dois, ficou acertada a minha ida para Maceió. Então, fui estudar no Instituto da Personalidade Infantil, próprio para pessoas que necessitavam de atendimento educacional especializado.

Na instituição conheci outros surdos e com eles descobri novas perspectivas de vida. Permaneci no instituto por 4 anos, de 1974 a 1978. Na época, o Instituto da Personalidade Infantil (Maceió) adotava o método oralista. Como eu morava em uma pequena cidade do interior de Alagoas, Jacaré dos Homens, onde não havia especialistas nem escolas específicas para crianças surdas, estudei em várias escolas até me mudar para Recife, onde havia escola específica para alunos surdos. Meus pais souberam da existência de uma escola especializada para surdos em Recife e, na ocasião, fui estudar no Instituto Domingo Sávio para Surdos (IDSS), escola própria para pessoas surdas. Posteriormente, estudei em uma escola inclusiva durante as séries do Ensino Fundamental, em escola pública estadual, e finalizei o período de escolarização com o curso de Magistério, em uma instituição particular de ensino.

Em casa, eu e a minha família convencionamos alguns sinais para a comunicação, mas foi diferente quando, ainda jovem, eu conheci a Associação dos Surdos de Pernambuco. Assim que entrei na instituição, o espetáculo foi, de imediato, um choque para mim, uma revolução! Compreendi que se tratava de uma instituição de surdos e reconheci que havia pessoas que se expressavam por língua de sinais em todos os lugares. Os surdos estavam ali e eu imaginava que aquele espaço era uma espécie de Cidade dos Surdos. Era como se eu tivesse chegado a outro planeta, onde todas as pessoas eram como eu: “não sou a única surda no mundo!”. Aquele espaço de contato surdo-surdo era como uma segunda casa e uma segunda família, onde sempre fui bem-recebida.

Em Recife, havia poucos profissionais surdos que trabalhavam na área da educação. Não tínhamos exemplos de surdos atuando profissionalmente enquanto professores de língua brasileira de sinais (Libras). No estado de Pernambuco, a Libras foi reconhecida somente em 1999, pela Lei nº 11.686 de 18 de outubro de 1999 (Pernambuco, 1999). Por outro lado, percebi

que, na Região Sul do país, havia oportunidades para surdos em cursos de formação na área da educação. Por isso, cursei, em Recife, o Ensino Médio atrelado ao Magistério. O curso aconteceu sem a presença de intérpretes. Cursei disciplinas, realizei práticas, participei de atividades sendo a única surda da turma. Os estágios foram realizados na Escola Especial Concórdia do Recife (filial de uma escola do sul) e na Escola Estadual Governador Barbosa Lima com alunos surdos.

Desde cedo, frequentei várias palestras, eventos e seminários nacionais sobre surdos e língua de sinais. Participei de projetos e manifestações para lutar pelos nossos direitos e compreender sobre educação de surdos. Nós surdos demandamos mostrar nossas capacidades enquanto sujeitos, nossa cultura, nossas identidades e nossa língua de sinais.

Eu também tive a oportunidade de me formar em um curso de instrutores de Libras, para consolidar o conhecimento sobre linguística de línguas de sinais e educação de surdos. Iniciei meu trabalho como professora de surdos no Ensino Fundamental e na Educação de Jovens e Adultos no Centro SUVAG de Pernambuco, no período entre 1997 e 2011. Além disso, atuei na rede estadual de ensino de Pernambuco na cidade de Recife, na Escola Estadual Ana Rosa, de 2001 a 2003, no CAS (Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez), de 2003 até 2005, e na Escola Cônego Rochael de Medeiros, nos anos de 2011 até 2013.

Quando chegou o momento de fazer o vestibular, inscrevi-me no curso de Pedagogia na Faculdade de Ciências Humanas de Olinda. Concluí a graduação em 2008 e contei com a presença de intérprete de Libras. Em 2006, eu ingressei no curso de licenciatura em Letras-Libras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no polo da UFC, curso esse que foi pioneiro no Brasil. Concluí tal graduação em 2010. Durante um período, eu estudei em duas graduações ao mesmo tempo, uma sendo um curso presencial pedagógico e a outra, curso a distância (Letras-Libras).

Durante a graduação em Letras-Libras, descobri a profundidade do que significa pertencer à comunidade surda ou, como escreve Rangel (2004, p. 34), “ao povo surdo”, definido pela autora da seguinte maneira:

significa “ser surdo” e optar por uma “política de identidade” surda que existe no interior do povo surdo. Assim, os surdos são melhores representados. E os surdos começam a se identificar com o conceito de ser surdo, através da existência do povo surdo (Rangel, 2004, p. 34).

Todas essas experiências transformaram a minha pessoa e eu tenho certeza de que, por meio do meu trabalho, também transformei vários outros sujeitos.

Atualmente, sou professora universitária e leciono a disciplina Libras para licenciandos da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), na qual eu inicio minha carreira começando a trabalhar em 2014. Enquanto docente, sempre tive a oportunidade de conviver com crianças, jovens e jovens surdos que moram na capital e no interior de Pernambuco, bem como de outros estados do Brasil. Nos últimos anos, venho percebendo certas variações fonológica e lexical na Libras e, por isso, surge o meu interesse em investigar o tema e contribuir para os estudos sobre variação linguística dessa língua.

Partimos da hipótese de que há variação lexical e fonológica em sinais relacionados a parentesco, numeral, alimentos e cores, seja entre surdos jovens, entre surdos idosos ou na relação entre esses grupos, os surdos jovens e os idosos. Nesse sentido, a problemática da pesquisa está em torno da variação fonológica e lexical em sinais relacionados a parentesco, numeral, alimentos e cores. A variação a ser analisada decorre da sinalização de surdos jovens e idosos da cidade de Recife. Ainda não temos disponíveis na literatura critérios objetivos para a distinção entre variação fonológica e lexical na Libras, e esperamos contribuir com este estudo para a discussão acerca de uma melhor distinção.

Enquanto surda sinalizante, eu percebo que sinalizantes jovens apresentam novas formas lexicais, bem como formas com variação a nível fonológico. A variação entre gerações de sinalizantes sempre me despertou o interesse em investigar. É sempre importante lembrar que esse fenômeno evidencia que as línguas são sistemas dinâmicos e em constante mudança para atender às demandas de interação, comunicação e envolvimento com o mundo de suas comunidades de fala. As sociedades mudam e, conseqüentemente, as línguas também mudam.

De acordo com essa exposição, o objetivo geral desta pesquisa é identificar variação de sinais relativos a numerais, parentesco, cores e alimentos. Os objetivos específicos são (1) identificar formas variantes a nível lexical e (2) a nível fonológico em numerais, termos de parentesco, cores e alimentos e (3) propor critérios para a distinção entre variação fonológica e lexical.

Quanto à metodologia da pesquisa, a fim de atingir a descrição da variação lexical e fonológica da Libras, os dados foram coletados mediante a elicitación de dados de jovens e idosos em Recife (PE) seguindo os métodos de estímulo, elicitación e gravação do Inventário da Língua Brasileira de Sinais que constitui o Corpus de Libras (Quadros *et al.*, 2020). A filmagem dos participantes foi realizada no estúdio de gravação do curso Letras-Libras da UFPE. Os dados foram analisados em uma perspectiva qualitativa com o auxílio do *software* Eudico Linguistic Annotator (ELAN).

A dissertação está dividida em seis capítulos. Após o presente capítulo, o Capítulo 2 apresenta considerações importantes sobre a variação fonológica e lexical da Libras. O Capítulo 3 apresenta um breve relato sobre a constituição da comunidade surda recifense, a de escolas para surdos e do encontro surdo-surdo. Os procedimentos metodológicos estão descritos no Capítulo 4. Por fim, a análise e a discussão dos dados são apresentadas no Capítulo 5. Na oportunidade, apresentamos as formas variantes a nível fonológico e lexical e propomos critérios para a distinção entre variação fonológica e lexical na Libras. No caminho à finalização da dissertação, o Capítulo 6 apresenta as considerações finais.

2 ASPECTOS DA VARIAÇÃO NAS LÍNGUAS

2.1 Heterogeneidade das línguas naturais

De acordo com Preti (1974) a língua consiste em um sistema de signos convencionados que faculta aos membros de uma comunidade a possibilidade de comunicação, interação e envolvimento com o mundo, sendo fundamental nas relações humanas.

Sendo assim, a fala de uma dada comunidade é regida, por exemplo, por operações de forças sociais de caráter específico, tais como ético, religioso, econômico ou educacional. Assim, as relações entre sociedade e língua são interdependentes. As estruturas do pensamento de certas comunidades e a forma como essas articulam linguisticamente sua realidade estão em consonância com sua cultura e seu sistema de vida. O autor cita como exemplo a relação entre o sentimento de posse em certa comunidade e a sintaxe dos possessivos; a ocorrência maior de verbos de movimento na vida dos povos nômades; a presença de certas expressões de tratamento, de fundo afetivo, ligadas a tradições, etc. Além disso, há várias outras circunstâncias da comunicação as quais envolvem as relações entre língua e cultura ou língua, pensamento e realidade.

Ainda de acordo com Preti (1974), a diversidade ou a uniformidade de uma mesma língua é condicionada por fatores extralinguísticos, que podem ser manifestados em três categorias: (1) geográficas, que envolvem as variações regionais, (2) sociológicas, que compreendem as variações provenientes de idade, sexo, profissões, nível de estudos, classe social, as quais podem determinar traços originais na linguagem individual, e (3) contextuais, que envolvem tudo aquilo que pode determinar diferenças na linguagem do locutor por influências alheias a ele, por exemplo, o assunto, o lugar em que o diálogo ocorre e as relação que unem os interlocutores.

Em uma outra perspectiva, as variedades de uma língua podem ser observadas por um recorte sincrônico ou diacrônico. As variedades sincrônicas são cronologicamente simultâneas, observáveis num mesmo plano temporal e compreendem as variações causadas por fatores geográficos, sociológicos e estilísticos ou contextuais. As variedades diacrônicas compreendem vários planos de uma trajetória histórica.

De acordo com Bagno (2022), a mudança linguística acontece por fatores socioculturais, decorrentes das dinâmicas de interação dos indivíduos e das populações de uma dada comunidade, e por fatores sociocognitivos, derivados do funcionamento do nosso cérebro quando processamos a língua que falamos.

Os fatores socioculturais são dependentes da vida de cada comunidade de fala. Novamente, a língua não para, porque está sempre se transformando. Nenhuma língua viva, em nenhum momento histórico, é um bloco compacto, homogêneo, pronto e acabado. A língua é um sistema heterogêneo e variável, porque é empregado numa sociedade igualmente heterogênea e variável. Todas as línguas vivas apresentam variação, ou seja, toda e qualquer língua vai apresentar formas variantes de se dizer a mesma coisa. De acordo com o autor,

em cada fase da mudança, a forma inovadora se torna majoritária no uso dos falantes daquela comunidade, enquanto a forma antiga sobrevive em grupos sociais mais isolados e/ou na fala dos idosos. Com o avanço do tempo, a forma mais antiga desaparece e a forma inovadora se impõe completamente, mas só para sofrer concorrência de outra forma inovadora, e assim por diante (Bagno, 2022, p. 83).

A mudança se processa entre as gerações de falantes e também por meio da variação entre as classes sociais. Há a tendência de uma forma inovadora emergir na fala dos indivíduos das classes média baixa e baixa e subir na escala social, até ser incorporada pelos falantes das camadas média alta e alta. O contato linguístico é outro fator social para as mudanças linguísticas.

De maneira semelhante, Bagno e Casseb-Galvão (2017) estabelecem que fatores socioculturais são dependentes da vida das comunidades e envolvem a densidade populacional, a distribuição dos papéis sociais atribuídos às mulheres e aos homens, o grau de contato e interação com outras comunidades de fala, a matriz econômica e produtiva, a hierarquia social, seu sistema político, suas instituições, seu sistema de ensino, seu grau de desenvolvimento tecnológico, sua maior ou menor integração às redes de comunicação, de intercâmbios culturais, tecnológicas e comerciais nos níveis local, nacional e global, a composição étnica e etária dessa comunidade, entre outros.

Os fatores sociocognitivos estão relacionados ao processamento da linguagem no cérebro dos falantes e à construção conjunta da língua. Isso permite a dedução de tendências universais nas mudanças das línguas. Mesmo a língua sendo falada por uma população muito isolada, sem contato com nenhuma outra sociedade, vai passar inevitavelmente por processos de mudança. Forças sociocognitivas importantes na mudança linguística são a economia linguística e a gramaticalização.

Segundo Bagno (2022) a economia linguística é um termo que se refere à gama de mecanismos de mudança que tentam poupar a memória, o processamento mental e a realização física da língua, eliminando os aspectos redundantes e as articulações mais exigentes, bem como preencher lacunas na gramática da língua, de modo a torná-la mais eficiente como

instrumento de interação sociocomunicativa. Assim, há uma economia linguística na articulação e na morfossintaxe do sistema.

Já a gramaticalização é um processo que altera a gramática da língua, pela intensidade do uso em suas interações sociais. O uso provoca transformações na gramática de modo que, por exemplo, palavras que originalmente tinham um sentido exclusivamente concreto assumiram sentidos abstratos ao longo do tempo, mais especificamente, palavras que, a princípio, indicavam situação física concreta passaram a designar situação imaginária, abstrata, palavras que indicavam tempo gramatical e passaram a ser utilizadas com funções associadas ao contexto discursivo, ou, em sentido similar, palavras que inicialmente se referiam a elementos do mundo real e passaram a servir como organizadores do fluxo discursivo, entre outros processos.

O autor também reconhece que há forças sociais que procuram manter a língua nas maiores estabilidade e imutabilidade possíveis. Essas forças são exercidas por instituições sociais que, de maneira explícita ou não, oficial ou não, tentam impor algum controle sobre os destinos da língua. A mais importante de todas é a escola. O sistema formal de ensino, em todos os seus níveis, procura dar aos cidadãos uma educação sistematizada, programada de acordo com currículo definido pelas instâncias oficiais. Outras instituições envolvem a tradição literária, gramáticos e dicionaristas, burocracia, o aparato estatal, instituições religiosas, academias de línguas e os meios de comunicação.

Um elemento fundamental nesse processo é a presença da escrita, especialmente nas sociedades que são fortemente grafocêntricas, segundo Bagno (2022). Mas, mesmo em sociedades desprovidas de escrita, de cultura letrada e de escola formal, há forças de regulação linguística, como as desempenhadas pela distribuição do poder, por hierarquias ocupadas pelos diferentes membros da comunidade, pelos papéis reservados a homens e mulheres, pelo prestígio dos idosos, quando reconhecidos como detentores de maior sabedoria, etc. (Bagno, 2022).

Essa diversidade de fatores revela que as transformações são inerentes aos sistemas linguísticos, ou seja, um fenômeno inerente à língua. As línguas mudam com o tempo, o que pode ser comprovado pela simples observação da maneira como os falantes se apropriam dos recursos de uma língua para interagir (Bagno; Casseb-Galvão, 2017).

Na próxima seção, abordamos alguns aspectos da organização fonético-fonológica da Libras e alguns aspectos da variação a nível fonológico e lexical.

2.2 Aspectos (sub)lexicais da Libras e variação

De acordo com Quadros e Karnoop (2004), Stokoe (1960) propôs um esquema linguístico estrutural para analisar a formação e a decomposição dos sinais na língua de sinais americana (ASL). Esse esquema consiste em três principais parâmetros, que não carregam significado isoladamente, a saber, configuração da mão, locação da mão e movimento da mão. Posteriormente, surgiram análises que propuseram a orientação da mão e os aspectos não manuais. Estes dois últimos parâmetros também foram adicionados aos estudos das unidades sublexicais dos sinais. Assim, as unidades sublexicais da ASL seriam configuração da mão, locação da mão, movimento da mão, orientação da mão e expressões não manuais. Tais parâmetros também são observados na Libras.

As autoras mencionam que a noção de traços distintivos nas línguas de sinais acontece no sentido de que cada sinal passa a ser visto como um feixe de elementos básicos simultâneos, os quais formam uma configuração de mão, um movimento e uma locação e que, por sua vez, entram na formação de itens lexicais. As autoras citam que o modelo de traços distintivos proposto por Ferreira (2010 [1995]) para a Libras apresenta 218 traços, que são úteis para fins de transcrição fonética.

Sobre a organização das unidades sublexicais, Xavier (2006) descreve a estrutura fonético-fonológica da Libras a partir do modelo de movimento e suspensão (Liddell; Johnson, 1989; Xavier, 2012). Nessa proposta, é possível reconhecer tanto a simultaneidade quanto a sequencialidade das línguas de sinais. Na articulação dos sinais, há momentos em que a(s) mão(s) está(ão) em movimento contínuo, bem como momentos em que ela(s) está(ão) parada(s). Partindo desse princípio, os sinais são analisados a partir de um feixe segmental, ou melhor, como sendo constituídos por segmentos. Esses segmentos são caracterizados por suspensão (mãos paradas) ou por movimento (mãos se movimentando). Assim, há sinais constituídos por um único segmento (suspensão ou movimento) ou por uma sequência de segmentos (como suspensão, movimento e suspensão).

Novamente, o feixe segmental tem a função de especificar o tipo de segmento, que, no modelo em questão, pode ser de movimento, de suspensão ou de uma sequência destes. O segmento de suspensão é definido pela ausência de movimento e estabilidade dos aspectos formacionais. Isso quer dizer que a suspensão é caracterizada pela configuração de mão, pelo ponto de articulação e pela orientação da palma da mão. O segmento de movimento é definido pela presença de alteração de pelo menos um dos aspectos formacionais, ou seja, de alteração

da configuração de mão, do ponto de articulação ou da orientação da palma da mão. Além do feixe segmental, há também o feixe articulatorio, que é responsável por descrever a postura da mão durante a suspensão e a postura da mão antes e depois do movimento. Na proposta de Liddell e Johnson (1989), há também traços que descrevem as expressões faciais, o tipo de contato entre as mãos, a região ipsilateral ou contralateral em que a mão se localiza no corpo, entre outros.

Ainda em relação aos cinco parâmetros, Ferreira (2010 [1995]) tem considerado como parâmetros primários a configuração da(s) mão(s), o ponto de articulação e o movimento. Como parâmetros secundários, tem considerado a região de contato, a orientação da(s) mão(s) e as expressões faciais. Essas noções de parâmetros primários e secundários são importantes para a nossa proposta de diferenciação entre variação fonológica e variação lexical.

Retomando, os parâmetros primários são configuração da(s) mão(s), ponto de articulação e movimento. Os parâmetros secundários são orientação da(s) mão(s) e expressões faciais. Esses parâmetros podem ser descritos a partir de um conjunto de traços de caráter distintivo. A Figura 1 a seguir ilustra o parâmetro configuração de mão com caráter distintivo, diferindo os sinais *COSTUME* e *EDUCAÇÃO*.

Figura 1 – Configuração de mão como parâmetro distintivo *COSTUME* e *EDUCAÇÃO*



Fonte: elaboração própria, baseada em Ferreira (2010 [1995], p. 37-38).

A Figura 2 a seguir ilustra o parâmetro locação com caráter distintivo, ao diferir os sinais *APRENDER* e *SÁBADO*. Os sinais realizados em contato com determinadas partes do corpo ou perto delas pertencem, muitas vezes, a um campo semântico específico, organizado a partir de características icônicas.

Figura 2 – Locação como parâmetro distintivo entre APRENDER e SÁBADO



Fonte: elaboração própria, baseada em Ferreira (2010 [1995], p. 39).

A Figura 3 segue ilustra o parâmetro movimento com caráter distintivo, diferenciando os sinais VERDE e GELADO.

Figura 3 – Movimento como parâmetro distintivo entre VERDE e GELADO



Fonte: elaboração própria, baseada em Ferreira (2010 [1995], p. 40).

A partir da língua em uso, é possível observarmos processos fonológicos. Silva e Xavier (2020) identificaram 16 diferentes processos fonológicos na Libras. Os autores dividiram esses processos em quatro grandes categorias, cada qual com suas subcategorias. A primeira é designada por eles como geral, por também ser observada nas línguas faladas. Nessa categoria foram incluídas a assimilação, quando um sinal copia a(s) característica(s) de sinais adjacentes, e a metátese, que consiste na inversão da ordem de unidades fonológicas. A Figura 4 e 5 ilustram o processo de assimilação da configuração de mão. A

Figura 4 – Configuração de mão do sinal EU

exemplifica a forma canônica do sinal EU e a **Erro! Fonte de referência não encontrada.** ilustra o sinal EU com a mesma configuração de mão do sinal VER. Neste caso, a configuração de mão do sinal EU assimilou a configuração de mão do sinal VER.

Figura 4 – Configuração de mão do sinal EU



Fonte: Quadros *et al.* (2023, p. 162).
<https://www.youtube.com/watch?v=RxV-T2vVeQk>

Figura 5 – Sinal EU com a mesma configuração de mão do sinal VER



Fonte: Quadros *et al.* (2023, p. 165).
<https://www.youtube.com/watch?v=XzQztBWQaWs>

A segunda categoria proposta pelos autores, a antecipação, envolve processos relacionados à mão não dominante. A antecipação é quando um sinal monomanual é seguido por um sinal bimanual e a mão não dominante, requerida para o segundo sinal, aparece antecipadamente durante a produção do sinal monomanual. A outra é a perseveração, observada quando um sinal bimanual antecede um ou mais sinais monomanuais e a mão não dominante continua ativa durante a produção dos sinais seguintes. Os autores mencionam ainda o congelamento (não realização do movimento), o abaixamento (posicionamento mais baixo em relação à mão dominante em sinais tipicamente equilibrados) e apagamento da mão não dominante (não uso da mão não dominante na produção de um sinal tipicamente bimanual). As figuras a seguir ilustram alguns desses processos fonológicos.

A figura 6 ilustra o sinal EU articulado com antecipação da boia de listagem três. Dessa forma, há a antecipação da mão não dominante.

Figura 6 – Antecipação da boia de listagem três



Fonte: Quadros *et al.* (2023, p. 166).
<https://www.youtube.com/watch?v=lf0EJ765Cxc>

A Figura 7 ilustra o sinal PRÓPRIO e a perseveração da mão não dominante durante a realização do próximo sinal, o sinal ME@. Dessa forma, vemos a perseveração da mão não dominante.

Figura 7 – Perseveração da mão não dominante do sinal PRÓPRIO



Fonte: Quadros *et al.* (2023, p. 166).
<https://www.youtube.com/watch?v=hIs3z4Fn9kU>

A Figura 8 e a Figura 9 ilustram o processo de abaixamento da mão dominante. A Figura 8 ilustra o sinal CAPAZ articulado de maneira alinhada, enquanto a Figura 9 ilustra o sinal CAPAZ com o abaixamento da mão não dominante.

Figura 4 – Sinal CAPAZ articulado de maneira alinhada



Fonte: Quadros *et al.* (2023, p. 166).
<https://www.youtube.com/watch?v=cdMhCc3G7SA>

Figura 5 – Sinal CAPAZ articulado com abaixamento da mão não dominante



Fonte: Quadros *et al.* (2023, p. 167).
<https://www.youtube.com/watch?v=4Df3HrOViYg>

A Figura 10 e a Figura 11 ilustram o processo de apagamento da mão dominante. A Figura 10 ilustra o sinal NASCER articulado de maneira bimanual, enquanto a Figura 11 ilustra o sinal NASCER com o apagamento da mão não dominante.

Figura 10 – Sinal NASCER articulado de maneira bimanual



Fonte: Quadros *et al.* (2023, p. 167).
<https://www.youtube.com/watch?v=haCPiUE6YLY>

Figura 6 – Sinal NASCER com apagamento da mão não dominante



Fonte: Quadros *et al.* (2023, p. 167).
<https://www.youtube.com/watch?v=NCPteA0X1FU>

Na terceira categoria são reunidos processos relacionados à localização dos sinais, que pode ser realizada em uma região do mesmo lado da mão dominante ou do lado contralateral. Da mesma forma, um sinal que é articulado em uma região lateral pode ser articulado em uma região mais central. Há casos em que sinais articulados em regiões altas em relação ao centro do espaço de sinalização são realizados em localizações mais altas do que as típicas e, ainda,

pode não haver realização do contato entre a(s) mão(s) e uma parte do corpo. As figuras a seguir ilustram alguns desses processos fonológicos.

A Figura 12 e a Figura 13 podem ser comparadas para ilustrar o processo de articulação não típica de um sinal realizado mais próximo ao lado da mão dominante. A Figura 12 ilustra o sinal EU localizado na parte central do tórax, enquanto a Figura 13 ilustra o sinal EU localizado mais à lateral (lado da mão dominante).

Figura 12 – Sinal EU localizado na parte central do tórax



Fonte: Quadros *et al.* (2023, p. 168).
<https://www.youtube.com/watch?v=upsOQNP3Vdc>

Figura 13 – Sinal EU localizado mais à lateral (lado da mão dominante)



Fonte: Quadros *et al.* (2023, p. 168).
<https://www.youtube.com/watch?v=yK6L0CIAT0o>

A comparação entre a Figura 14 e a Figura 15 ilustra o processo de articulação de um sinal que é tipicamente localizado em uma região lateral sendo articulado em uma região mais central. A Figura 14 exemplifica o sinal SÃO PAULO localizado na parte lateral da testa, enquanto a Figura 15 ilustra o sinal SÃO PAULO localizado na região central da testa.

Figura 14 – Sinal SÃO PAULO na região lateral da testa



Fonte: Quadros *et al.* (2023, p. 168).
<https://www.youtube.com/watch?v=6AsNXv2cAJw>

Figura 15 – Sinal SÃO PAULO na região central da testa



Fonte: Quadros *et al.* (2023, p. 169).
<https://www.youtube.com/watch?v=ACtDvNUF3I4>

A comparação entre a Figura 16 e a Figura 17 ilustra o processo de articulação de um sinal em um local mais alto do que o comum. A **Erro! Fonte de referência não encontrada.** ilustra o sinal PROFESSOR localizado na altura do tórax, enquanto a Figura 17 ilustra o sinal PROFESSOR localizado em uma região mais alta.

Figura 16 – Sinal PROFESSOR localizado na altura do tórax



Fonte: Quadros *et al.* (2023, p. 169).
<https://www.youtube.com/watch?v=kzpEMhEOTfI>

Figura 17 – Sinal PROFESSOR localizado em área mais alta



Fonte: Quadros *et al.* (2023, p. 169).
<https://www.youtube.com/watch?v=2qnqhdOwmrc>

A comparação entre Figura 18 e Figura 19 ilustra o processo de articulação de um sinal em que atipicamente não há contato com a região do corpo. A Figura 7 ilustra o sinal PENSAR com contato com o corpo, enquanto a Figura 19 ilustra o sinal PENSAR sem contato com o corpo.

Figura 7 – Sinal PENSAR com contato com o corpo



Fonte: Quadros *et al.* (2023, p. 170).
<https://www.youtube.com/watch?v=ojntPsV9Gxw>

Figura 8 – Sinal PENSAR sem contato com o corpo



Fonte: Quadros *et al.* (2023, p. 170)
<https://www.youtube.com/watch?v=FY6LYxZH3uo>

Na quarta categoria, os autores incluíram processos fonológicos relacionados ao movimento, que podem consistir na inserção ou no apagamento do movimento. A comparação entre a Figura 20 e a Figura 21 a seguir permite notar o apagamento. Na Figura 20, o sinal CORAÇÃO é articulado em sua forma de citação, enquanto na Figura 21 há uma redução na quantidade de rotações do punho.

Figura 9 – Sinal CORAÇÃO e sua forma de citação



Fonte: Quadros *et al.* (2023, p. 171).
<https://www.youtube.com/watch?v=VYUu0FkbFFw>

Figura 10 – Sinal CORAÇÃO com redução na quantidade de rotações do punho



Fonte: Quadros *et al.* (2023, p. 171).
<https://www.youtube.com/watch?v=-3gq372yVlg>

De acordo com Xavier e Barbosa (2017), no nível fonético-fonológico, a variação na forma dos sinais está relacionada às diferentes manifestações de, pelo menos, um de seus parâmetros fonológicos (configuração de mão, localização, movimento, orientação da palma, marcações não manuais e número de mãos). Além disso, cada parâmetro parece ter padrões próprios de variação.

Sobre a configuração de mão, os autores mencionam que alguns sinais podem ser realizados com diferentes configurações, entre os quais há aqueles cuja articulação pode variar entre configurações nativas, ou seja, não resultantes do contato linguístico entre a Libras e o português, e não nativas, configurações resultantes do contato linguístico com o português, realizadas sobretudo por meio do alfabeto manual. Outros podem ser articulados com uma ou duas configurações, apresentar variação na ordem de produção de suas configurações, ou ainda envolver distensão do polegar ou distensão do dedo mínimo. Ademais, em alguns sinais feitos com uma mão ativa e outra passiva, esta última pode aparecer com uma configuração diferente ou idêntica à da mão ativa ou apresentar configuração diferente em relação à da mão ativa (Xavier; Barbosa, 2017).

Sobre os demais parâmetros, alguns sinais variam em função da sua localização por poderem ser realizados mais ao centro ou mais ao lado da testa, ou mais acima ou mais abaixo

na região do rosto. Outros variam em relação ao seu movimento, alguns porque não o apresentam, outros porque podem ser produzidos com movimentos de tipos diferentes. Por fim, no que diz respeito à orientação da mão, a marcações não manuais e ao número de mãos respectivamente, alguns sinais variam por poderem ser articulados com a palma da mão voltada para o lado ou para frente, com ou sem movimentos de parte(s) da face, da cabeça e do torso, ou com uma ou duas mãos (Xavier; Barbosa, 2017).

De acordo com Schimitt *et al.* (2023), a variação lexical na Libras pode ser caracterizada de diferentes formas, sendo a variação regional uma delas. Os dados do Inventário de Libras evidenciam esse tipo de variação, pois o seu registro dos surdos de diferentes regiões do país apresenta sinais de variadas formas, apesar da reconhecível unidade da Libras. Os autores evidenciam a variação regional do vocabulário de números e relativo ao calendário, a cores, sentimentos, profissões e verbos a partir do levantamento realizado por meio da lista Swadesh, com o *corpus* intitulado Surdos de Referência.

Os autores evidenciam também a variação a nível fonético-fonológico, de forma que ainda não fica clara a diferença entre a variação fonético-fonológica e a variação lexical. Com isso, é notável a importância deste trabalho, que tenta apresentar critérios para diferenciar variação fonológica e lexical.

3 COMUNIDADE SURDA EM RECIFE

3.1 Escolas para surdos em Recife e a constituição de uma comunidade surda

De acordo com Zeshan (2013), muitas das línguas de sinais nacionais de que temos conhecimento hoje foram instituídas enquanto línguas de comunidades surdas a partir do contato surdo-surdo. A criação de escolas específicas para surdos teve um papel fundamental nesse processo, favorecendo a emergência de uma comunidade de fala e, conseqüentemente, a estandardização de línguas de sinais.

Segundo Costa (2022), o contato surdo-surdo é fundamental para a cultura e as identidades inerentes às comunidades surdas. A autora investigou a história de estudantes narrada por eles mesmos quando frequentaram quatro instituições de ensino voltadas para surdos em Manaus: o Instituto Montessoriano Álvaro Maia, a APAE (Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais), a Escola Estadual Augusto Carneiro dos Santos e o Instituto Filippo Smaldone. A partir das narrativas, a autora sugere que as escolas eram espaços para a sociabilidade surda e a noção de coletividade surda. Os estudantes mencionaram que conversavam muito entre si e que havia o uso da língua de sinais nessas interações. As escolas, de alguma forma, contribuíram para promover o encontro surdo-surdo e, desse modo, consolidar uma noção de comunidade surda entre os alunos.

Nesse sentido, partimos do pressuposto de que as escolas específicas para surdos tiveram papel fundamental na constituição de comunidades surdas e de línguas de sinais. Neste capítulo, trazemos brevemente a história da comunidade surda de Recife por meio do histórico de duas instituições de ensino para surdos e de uma associação de surdos que favoreceram o contato surdo-surdo.

3.1.1 Instituto Domingo Sávio Surdos Mudos: Deficientes da Linguagem

De acordo com Silva *et al.* (1982), foi fundado o à época chamado Instituto Domingo Sávio Surdos Mudos: Deficientes da Linguagem, na cidade de Recife, em 1952. De acordo com os autores, no mesmo ano, o mundo presenciou vários acontecimentos importantes que mudaram o rumo da humanidade: a explosão da bomba atômica a qual arrasou duas cidades, Nagasaki e Hiroshima; a morte da célebre médica e educadora Maria Montessori, na Holanda, que introduziu métodos que revolucionaram o ensino para crianças com deficiência; e a fundação da Federação Mundial dos Surdos, em Roma.

Na cidade de Recife, no dia 15 de abril de 1952, a jovem Edith Camara Nogueira e uma amiga de infância fundaram o Instituto Domingo Sávio Surdos Mudos: Deficientes da Linguagem. O prédio da instituição, um casarão que se situava na Rua Conde Boa Vista, número 1437, no centro de Recife, passou a abrigar todos os surdos que o procurassem, tanto de Recife como de outras partes do Nordeste brasileiro. Segundo os autores, o ano tornou-se um marco na vida dos deficientes auditivos brasileiros. A Figura 11 a seguir apresenta uma imagem de Edith Camara Nogueira em frente ao casarão.

Figura 11 – Edith Nogueira e o Instituto Domingo Sávio Surdos Mudos: Deficientes da Linguagem



Fonte: Silva *et al.* (1982, p. 22).

A primeira sede do instituto recebeu os primeiros deficientes auditivos no Nordeste. Porém, houve mudanças de endereço para adequação do espaço físico, devido ao aumento gradativo de alunos, bem como devido às cheias que promoveram inundações no prédio da instituição e prejuízos materiais. Apesar das catástrofes, o instituto conseguiu se reorganizar.

Da Av. Conde Boa Vista, o Instituto Domingo Sávio Surdos Mudos passou a funcionar próximo à Rua Conselheiro Rosa e Silva, número 1147, em frente ao Clube Náutico, no bairro Aflitos, e, de lá, foi para a Rua Ferreira Lopes, número 106, no bairro Casa Amarela. Depois, houve uma nova mudança para a Av. 17 de agosto, número 428/468, em Casa Forte. Após alagamento, o instituto foi para a Rua José Carvalheira, número 355/373, no bairro Tamarineira. Posteriormente, passou para a Av. Estrada do Arraial, número 3379, no bairro Casa Amarela, e depois mudou-se novamente para a Av. Encantamento, número 633, no bairro Casa Forte.

Ainda de acordo com Silva *et al.* (1982), é lamentável que a instituição nunca funcionou com sede própria. O Instituto Domingo Sávio Surdos Mudos encerrou suas atividades em 2009. Alguns dos endereços estão ilustrados nas figuras a seguir.

Figura 12 – Instituto Domingo Sávio Surdos Mudos na Av. 17 de agosto, 428/468



Fonte: Rodrigues (2020).

Figura 13 – Instituto Domingo Sávio Surdos Mudos na Av. Entrada do Arraial, 3379, em Casa Amarela



Fonte: Silva (2024).

No ano de 1977, após uma das enchentes que causaram danos materiais, houve a necessidade de uma nova fachada que identificasse a instituição. Na oportunidade, houve a retirada de “Deficientes da Linguagem” do seu nome. A Figura 25 a seguir ilustra a fachada com o nome atualizado.

Figura 14 – Instituto Domingo Sávio para Surdos na Av. Encantamento, 633



Fonte: Revista No Nordeste Silencioso (1984, p. 2).

O instituto funcionava em tempo integral e em regime estilo internato. Os alunos que eram oriundos do interior de Pernambuco, de outros estados e outras cidades residiam na instituição. Os alunos participavam de atividades de escolarização, realizavam oficinas, aulas de bons modos e etiqueta, além de educação escolar e religiosa. No currículo foram introduzidos cursos profissionalizantes como bordado, crochê, cestaria, alvenaria, entre outros. Os alunos eram selecionados de acordo com suas habilidades. A Figura 26 a seguir ilustra algumas das oficinas.

Figura 15 – Oficinas no Instituto Domingo Sávio para Surdos



Fonte: Facebook (2021) e acervo pessoal.

De acordo com Silva *et al.* (1982), o uso do método oral enquanto metodologia de ensino era defendido pela Irmã Josefina (Edith Câmara Nogueira). Porém, os alunos sinalizavam em língua de sinais na interação com os professores, no contato entre os pares em seu dia a dia e nas situações de visita do Monsenhor Vicente Burnier, primeiro padre surdo ordenado no Brasil. Ele defendia o uso da língua de sinais, mesmo não sendo aceita pela Irmã Josefina.

O Monsenhor Vicente Penido Burnier iniciou seus trabalhos da Pastoral dos Surdos no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), no Instituto Santa Terezinha e no Instituto Domingo Sávio para Surdos. O seu trabalho na Pastoral dos Surdos se estendeu ao Sul do Brasil, a Buenos Aires (Argentina) e a Montevideu (Uruguai). Por onde passava, deixava sempre a mensagem de prestígio e de superação de barreiras.

A Figura 16 ilustra o Padre Vicente Burnier, que também era surdo, no Instituto Domingo Sávio para Surdos nos anos iniciais de sua carreira. À esquerda, Burnier encontra-se

sozinho e, à direita, está acompanhado do surdo Leonício. A Figura 17 ilustra o Padre Vicente com alunos surdos no Instituto Domingo Sávio para Surdos, no ano de 1960, quando era localizado na Av. Conde Boa Vista, 1437, no centro de Recife. A Figura 16 ilustra o Padre Vicente no ano de 1978, por ocasião da eucaristia dos alunos do Instituto Domingo Sávio. A Figura 17 apresenta o Padre Vicente no ano de 1991.

Figura 16 – O Monsenhor Vicente Penido Burnier



Fonte: acervo pessoal (2025).

Figura 17 – Padre surdo Vicente e alunos do Instituto Domingo Sávio para Surdos



Fonte: acervo pessoal (2025).

Figura 18 – O Monsenhor Vicente Penido Burnier na comunhão de 5 surdos e 1 ouvinte



Fonte: Cláudia (2024).

Figura 19 – O Monsenhor Vicente Penido Burnier



Fonte: Jornal Comércio (1991, p. 2).

O Padre Vicente Penido Burnier convidou Antônio Abreu para conhecer o Instituto Domingo Sávio para Surdos. Este falou sobre o fortalecimento da língua de sinais dos adolescentes com a prática conjunta de esportes e sobre o ensino de Libras. A Figura 20 ilustra o Padre Vicente e o líder surdo Antônio Abreu no Instituto Domingo Sávio.

Figura 20 – O Monsenhor Vicente Penido Burnier e Antônio Abreu



Fonte: acervo pessoal (2025).

De acordo com Costa (2022), em 1939, o Padre Eugênio Oates, oriundo dos Estados Unidos, tornou-se redentorista e, em 1944, tornou-se sacerdote e aceitou trabalhar em Manaus, no estado do Amazonas, como missionário. Ele atuou com o Padre Vicente de Paulo Penido Burnier. Em um trabalho colaborativo, começaram a estudar e pesquisar as diferenças regionais da Libras. O trabalho do Padre Oates contribuiu para a aceitação e visibilidade da Libras como uma língua nacional do Brasil. Segundo Costa (2022), Eugênio Oates publicou uma obra lexicográfica da Libras em 1969 intitulada “Linguagem das mãos”.

As pesquisas de Eugênio Oates, como extensão natural do trabalho de evangelização, contribuíram para os movimentos sociais a favor da Libras, mais tarde culminando no seu reconhecimento legal. A Figura 21 a seguir ilustra o Padre Eugênio Oates e a Irmã Josefina (Edith Camara Nogueira) no Instituto Domingo Sávio para Surdos.

Figura 21 – Padre Eugênio Oates e Irmã Josefina



Fonte: Revista No Nordeste Silencioso [s. d.].

O Instituto Domingo Sávio para Surdos atendeu estudantes de Pernambuco e de outros estados do Nordeste. Os surdos idosos que participaram desta pesquisa foram ex-alunos do Instituto Domingo Sávio para Surdo.

3.1.2 Centro SUVAG de Pernambuco

No decorrer do ano de 1976, foi fundada uma instituição de ensino que, de alguma forma, favoreceu o contato surdo-surdo. O centro com a filosofia pautada no Sistema Universal Verbotal de Audição Guberina (SUVAG) de Pernambuco foi essa instituição, que teve como objetivo a reabilitação oral de crianças surdas. A instituição funcionou durante dez anos trabalhando com esse objetivo, oferecendo um ensino voltado para a oralização.

Ao longo desse período, as discussões sobre a metodologia intitulada Comunicação Total eram emergentes e faziam considerar a língua de sinais na escolarização de surdos, a partir de classes especiais. No entanto, em 1990 foi assumida com pioneirismo a mudança para o bilinguismo, tendo por consequência o início do funcionamento do Centro Educacional Bilíngue, a escola do Centro SUVAG de Pernambuco, em 1993. Essa escola possibilitava a aquisição da língua de sinais por meio do contato com os pares surdos (Gusmão, 2011).

Na instituição, atuavam professores surdos e ouvintes bilíngues, que utilizavam a Libras como língua de instrução. As etapas de escolarização envolviam a Educação Infantil e as séries iniciais e finais do Ensino Fundamental. Os alunos surdos ingressavam na instituição a partir dos 2 anos de idade.

Alguns dos professores surdos que atuavam no SUVAG de Pernambuco foram alunos do Instituto Domingo Sávio para Surdos. A Figura 22 a seguir traz a logomarca da instituição e uma imagem da fachada do prédio no qual funcionava a escola.

Figura 22 – Imagem da fachada do SUVAG de Pernambuco e logomarca da instituição



Fonte: SUVAG [s. d], [n. p.].

Na próxima subseção, apresentamos a associação de surdos de Pernambuco como uma das instituições que favoreceram a consolidação da comunidade surda em Recife.

3.1.3 Associação de Surdos de Pernambuco (ASSPE)

Os surdos constituem um grupo linguístico-cultural com língua, cultura e identidades provenientes da diferença surda. De acordo com Perlin (2003), a partir do contato surdo-surdo, surgem os artefatos culturais da cultura surda e a responsabilidade sobre o outro surdo. Nesse momento, o surdo tem a oportunidade de se constituir e se reconhecer com seus pares, tendo a oportunidade de ser o outro surdo, em vez de ser aquele diferente do ouvinte, situação que costuma se apresentar como a única possibilidade.

Os espaços de contato surdo-surdo são vários, desde as instituições de ensino, as instituições religiosas até o encontro com amigos na prática esportiva, de lazer e entretenimento. Ressaltamos a importância da associação de surdos como instituição promotora de um espaço que incentiva e preserva o contato surdo-surdo.

De acordo com o *site* da Associação de Surdos de Pernambuco, em 1979, em sua passagem pelo Rio de Janeiro, dona Helder Câmara convidou a Irmã Virgínia Barry (freira americana) para vir a Recife, onde iniciou o trabalho de catequese com os surdos. Ela conhecia muito bem a ASL. Logo conheceu o Instituto Domingo Sávio para Surdos, no qual ensinou inglês e exerceu seu trabalho de catequese. Após deixar o instituto, dedicou-se totalmente à

catequese com crianças, adolescentes e adultos. Viveu em vários bairros da periferia, sempre exercendo a missão de evangelizadora, não esquecendo também a parte social.

Em seu trabalho de educadora, procurava encontrar sempre outros surdos. Nos encontros surgiram muitas amizades de pessoas que, ao saírem da escola e do trabalho, se reuniam no Colégio Marista e na Rua Conceição da Boa Vista. Foi nesses encontros que surgiram a ideia e a necessidade de uma associação para surdos. A influência de Barry a fez conseguir com a igreja dos Estados Unidos doação para estabelecer a Fundação da Associação de Surdos de Pernambuco, oficializada em 17 de outubro de 1985. A Irmã Virgínia Barry se perpetuou na história dos surdos de Pernambuco e do Nordeste brasileiro por seu incansável trabalho de evangelização, por meio das aulas de religião, inglês e Libras e por seu próprio exemplo de vida e doação. Após seu pastoreio e já com idade avançada, voltou para sua terra e família.

A Figura 23 exibe Antônio de Neto, a Irmã Virgínia Barry (ao centro) e o Padre Eugênio Oates (à direita). A Figura 24 apresenta um registro do encontro dos surdos, que começaram a se encontrar no Educandário Nossa Senhora de Lourdes. A imagem evidencia o contato surdo-surdo, estando nela presentes os surdos Rita, Manoel, Katia, Gleide, Romivaldo, Paulo Marcelo e Elias.

Figura 23 – Antônio Barro de Neto (à esquerda), Virgínia Barry (ao centro) e Eugênio Oates (à direita)



Fonte: acervo pessoal (2025).

Figura 24 – Contato surdo-surdo no Educandário Nossa Senhora de Lourdes



Fonte: acervo pessoal (2025).

Com a difusão da Libras no contato surdo-surdo e com os constantes encontros em diferentes espaços da cidade de Recife, surgiram entre os surdos a necessidade e o desejo de uma associação. Durante muitos anos, a ASSPE abrigou muitos surdos, permitindo a realização de festas, campeonatos esportivos, desfile para eleger a representante surda do Nordeste e outros eventos. Foi um período glorioso para os que se tornaram sócios e para os familiares que a frequentavam. Logo após a fundação, Terezinha de Jesus dos Santos, grande lutadora pelos direitos dos surdos, lançou a ideia de uma logomarca que representasse a ASSPE. Vários surdos desenharam e, após a exposição e a eleição, foi escolhido o *design* de Carlos Wagner.

Figura 25 – Terezinha de Jesus (à esquerda), Carlos Wagner (ao centro) e a logomarca (à direita)



Fonte: acervo pessoal (2025).

A Associação de Surdos de Pernambuco é uma entidade sem fins lucrativos que trabalha junto à comunidade surda, atendendo principalmente às áreas de esporte e lazer, com interesse na melhoria das condições de vida da sociedade em geral, e favorecendo manifestações nos campos artísticos e culturais, turísticos, sociais, recreativos, assistenciais e educacionais. A associação foi fundada em 17 de outubro de 1985 e tem contribuído para os movimentos sociais em Pernambuco e para a representatividade dos surdos em defesa dos seus direitos e interesses coletivos.

4 METODOLOGIA

4.1 Características da pesquisa

A presente pesquisa de mestrado é um estudo descritivo sobre a variação da Libras sinalizada na cidade de Recife, a partir da análise de dois grupos de surdos sinalizantes: surdos jovens e surdos idosos. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, em uma perspectiva descritiva, que identifica formas variantes na Libras, a nível fonológico e a nível lexical.

O levantamento de dados envolve a eliciação de itens lexicais da Libras sobre sinais de numerais, parentesco, alimentos e cores. O *corpus* de análise inclui a eliciação de dados realizada por uma pesquisadora surda, autora da dissertação. A metodologia de coleta seguiu os mesmos procedimentos e materiais de estímulo que têm sido utilizados na constituição do Corpus de Libras (Quadros *et al.*, 2017).

4.2 Fonte dos dados

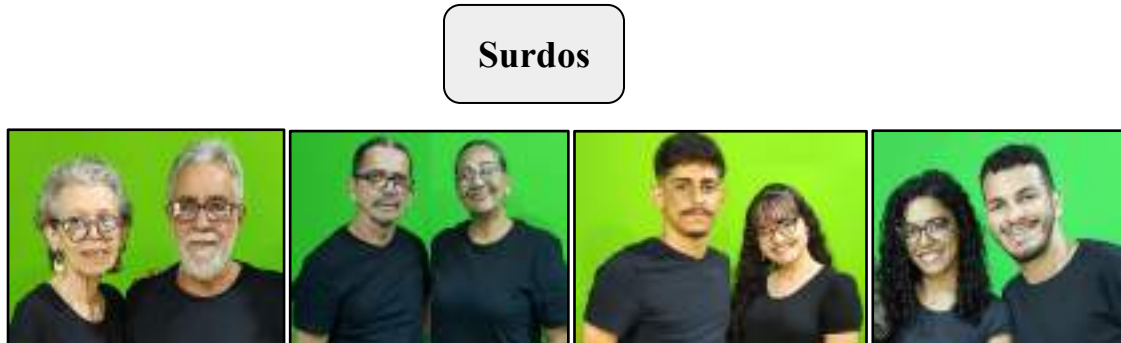
Inicialmente, a pesquisadora fez contato com os participantes surdos, convidando-os para participarem da pesquisa enquanto informantes. No total, 8 (oito) aceitaram ser colaboradores: 2 (dois) homens idosos, 2 (duas) mulheres idosas, 2 (dois) homens jovens e 2 (duas) surdas jovens. Os objetivos da pesquisa, os benefícios do estudo e os procedimentos de coleta e análise de dados foram explicados aos participantes. Na oportunidade, solicitamos autorização para o uso das imagens para divulgação dos resultados do trabalho.

Dessa forma, temos um grupo formado por surdos jovens (18 a 29 anos), composto por 2 (dois) homens e 2 (duas) mulheres, e outro grupo formado por surdos idosos (acima de 50 anos), também formado por 2 (dois) homens e 2 (duas) mulheres.

As filmagens dos participantes para o levantamento de dados aconteceram no estúdio de gravação do curso de Letras-Libras na UFPE. Os procedimentos de levantamento de dados com os participantes consistiram em entrevista individual com cada um deles e em eliciação de dados com os participantes em pares. Agendamos dois surdos de mesma faixa etária e gênero diferente (por exemplo, um homem idoso e uma mulher idosa) para um mesmo dia de entrevista. Entretanto, a entrevista aconteceu de maneira individual para a coleta de dados sociolinguísticos dos participantes. A eliciação seguiu o modelo de estímulo que tem sido empregado na constituição do Corpus de Libras. A Figura 37 a seguir ilustra os participantes da pesquisa.

A análise envolve participantes surdos da cidade de Recife que nasceram e vivem na cidade ou que residem nela por mais de dez anos.

Figura 26 – Participantes da pesquisa



Fonte: elaboração própria (2025).

A elicitação de itens lexicais da Libras, tanto no grupo de jovens quanto no grupo de idosos, seguiu a lista de Swadesh para as línguas de sinais, que tem sido utilizada no projeto de constituição do Inventário Nacional da Libras (Quadros *et al.*, 2017).

Novamente, os procedimentos de coleta de dados foram realizados na UFPE, na cidade de Recife, na Faculdade de Letras. Para isso, enviamos um ofício para a coordenação do curso de Letras-Libras da instituição e solicitamos o uso do estúdio de gravação para a coleta de dados da presente pesquisa de mestrado. Em 18 de fevereiro de 2023, foi realizado o primeiro contato com a UFPE a partir da servidora Betiza Pinto Botelho, que é professora efetiva da referida entidade, a qual me repassou o contato de WhatsApp da coordenadora do curso de Letras-Libras, professora Lindilene Maria de Oliveira. Na oportunidade, trocamos algumas mensagens e agendamos um momento para conversarmos presencialmente sobre a proposta da pesquisa.

Em 26 de fevereiro de 2023, encontrei-me presencialmente com a professora Lindilene de Oliveira, coordenadora do Curso de Letras-Libras da UFPE, no Centro de Artes e Comunicação (CAC). Após nos apresentarmos, disse-lhe que era mestranda na UFT e tinha como orientador o professor Bruno Gonçalves Carneiro. Apresentei a proposta do meu trabalho e os critérios de coleta de dados, que consistiam em entrevistar surdos jovens e surdos idosos da cidade de Recife, para posterior identificação de formas variantes a nível fonológico e a nível lexical.

Em um outro momento, conversei com a referida coordenadora, Lindilene Maria de Oliveira, e com a vice-coordenadora Williane Virginia Holanda de Souza (ambas surdas). Solicitei a elas a possibilidade de uso do estúdio para a coleta das entrevistas com os surdos

jovens (18 a 29 anos) e com os outros de idade avançada (acima de 50 anos). Na oportunidade, Lindilene de Oliveira me apresentou ao servidor Leonardo Cabral, técnico audiovisual do curso de Letras-Libras (ouvinte e sinalizante da Libras). Nesse momento, eu apresentei alguns vídeos e expliquei como seria preparado o material que usaríamos. Na tratativa com o técnico audiovisual, conversamos detalhadamente sobre as entrevistas e, então, mostrei o modelo do Corpus de Libras. Na oportunidade, ele confirmou que professores e estudantes de mestrado da instituição faziam trabalhos semelhantes ao do Corpus de Libras, sendo diferente apenas a cor da parede de fundo que aparecia nos vídeos gravados no estúdio, que, em vez de azul, era verde.

O estúdio de gravação do Letras-Libras da UFPE apresenta os seguintes equipamentos disponíveis: 1 monitor de TV grande, 3 câmeras, 4 tripés, 2 armários, 1 aquário, 4 cadeiras, 1 espelho, 1 tripé de iluminação, 5 luzes na parte superior, 3 telas com fotografias, 1 ar-condicionado, 2 calhas para lâmpada, 1 cafeteira, 1 HD grande, 1 teclado, 1 quadro para anotações, 1 grande mesa de escritório, 3 camisas pretas, parede verde de fundo e 1 *teleprompter*. A Figura 27 traz uma imagem do estúdio de gravação do Letras-Libras da UFPE.

Figura 27 – Estúdio de gravação do Letras-Libras da UFPE



Fonte: elaboração própria (2025).

Foi realizado um estudo piloto com o objetivo de treinar a coleta de dados e fazer os ajustes em relação à filmagem, posição das câmeras, aos procedimentos de elicitación e a outros ajustes que fossem necessários. Contamos com a contribuição de um participante surdo para fazer a entrevista e também a elicitación. O treino foi realizado em 4 de maio de 2023 com o bolsista Samuel Feijó de Melo, surdo e estudante do curso Letras-Libras.

A partir do estudo piloto, sentimos a necessidade de complementar o *slide* utilizado pelos pesquisadores do Corpus de Libras do Inventário Nacional da Libras, coordenado pela UFSC. Inserimos algumas imagens para facilitar a compreensão do estímulo por surdos idosos,

pois consideramos que alguns dos participantes poderiam não ter conhecimento de certas palavras da língua portuguesa ou não ter compreensão de algumas das imagens postas. Dessa forma, fizemos uma adaptação do material de elicitación do Corpus de Libras, incluindo da lista de Swadesh. O mesmo material serviu tanto para os participantes jovens quanto para os participantes idosos. Assim, houve uma padronização do material de estímulo.

Durante as entrevistas, foram eliciados alguns sinais relacionados a parentesco, animais, alimentos e numerais. O técnico do estúdio Leonardo Cabral fez marcações considerando a posição das câmeras para a melhor captura da sinalização. As atividades foram auxiliadas pelo estudante bolsista Samuel Feijó de Melo. Na Figura 28 a seguir consta o estudante durante a realização do piloto.

Para organizar a logística de filmagens, o técnico Leonardo Rodrigues Cabral disponibilizou um quadro com os dias e os horários disponíveis para o apoio dele e de Samuel Feijó de Melo com algumas restrições, pois os dois estudavam. O servidor Leonardo Cabral estava cursando doutorado em Designer e o estudante Samuel, Letras-Libras. A princípio, o estúdio de gravação estava disponível de segunda a sexta: nas segundas, das 12h às 18h, e de terça a sexta, das 9h às 15h. O técnico Leonardo Rodrigues Cabral e o bolsista Samuel Feijó de Melo estiveram disponíveis nesses horários. Ajustamos também o agendamento junto aos participantes para a coleta de dados.

Figura 28 – Estudo piloto



Fonte: elaboração própria (2025).

As gravações das entrevistas e da elicitación aconteceram a partir de três câmeras. A câmera 1 gravou o participante, a câmera 2 gravou a entrevistadora (autora da dissertação) e a câmera 3 gravou os dois (participante e entrevistadora). A Figura 40 ilustra os ângulos registrados a partir da posição de cada uma das câmeras.

Figura 29 – Posicionamento das câmeras



Fonte: elaboração própria (2025).

Os critérios de inclusão para participação da pesquisa envolveram (1) ser surdo sinalizante que nasceu em Recife, ou que mora em Recife há 10 anos ou mais, e (2) ser reconhecido como membro da comunidade surda e sinalizante utente da Libras.

Em 16 de fevereiro de 2023, começamos a busca por participantes surdos. Iniciamos o contato com surdos que foram estudantes do IDSS (Instituto Domingo Sávio para Surdos), bem como surdos que são membros da ASSPE (Associação de Surdos de Pernambuco), para compor o grupo de surdos idosos. Em 08 de abril de 2023, iniciei o convite para surdos jovens. Eu convidei meus ex-alunos do Centro SUVAG de Pernambuco, da Escola Cônego Rochael de Medeiros e da Escola Governador Barbosa Lima, na qual os surdos eram incluídos. A coordenadora do curso de Letras-Libras também me convidou para visitar as salas de aula da graduação, juntamente ao professor Jurandir, à Lindilene e à Williane, para conhecer os discentes com o objetivo de convidar alguns dos alunos para participarem da entrevista da minha pesquisa de mestrado. Dois dos estudantes aceitaram e, então, marcamos o dia de irmos ao estúdio. Alguns dos convidados não atenderam aos critérios de inclusão e, por isso, foram excluídos.

Durante os meses de fevereiro a junho de 2023, houve uma busca ativa de participantes a partir dos critérios de inclusão. Novamente, eu expliquei os objetivos da pesquisa, os benefícios do estudo e os procedimentos de coleta e análise dos dados para todos os potenciais participantes do estudo, tanto presencialmente quanto por vídeo via WhatsApp. Os participantes idosos mencionaram a importância de registrar as formas variantes da Libras de Recife, falaram sobre a mudança que acontece na língua e a influência da tecnologia.

Foram excluídos (1) os participantes que eram provenientes de outras cidades e que residiam em Recife a menos de 10 anos; (2) os participantes que tinham idade diferente do grupo de 18 a 29 anos e do grupo com idade acima de 50 anos; (3) um dos participantes do

grupo de idosos, pois era irmão de uma participante já selecionada também do grupo de idosos; (4) um dos participantes do grupo de idosos, por ser meu marido; e (5) o vídeo de um dos surdos idosos, que foi considerado uma pessoa não utente da Libras, ou seja, sinalizante de sinais caseiros. Foi excluído também (6) o vídeo do participante Samuel Feijó de Melo, porque ele participou do estudo piloto e por ter auxiliado na filmagem dos outros participantes.

As filmagens aconteceram no período de maio a agosto de 2023, em dias de acordo com a disponibilidade dos participantes. Algumas das entrevistas e eliciações tiveram que ser novamente agendadas devido às fortes chuvas e aos alagamentos em Recife.

4.3 Perfil dos participantes

4.3.1 Primeiro participante homem, surdo e idoso

Figura 30 – Primeiro participante homem, surdo e idoso



Fonte: elaboração própria (2025).

O participante cresceu aprendendo a língua de sinais, com curiosidade sobre os surdos e a Libras. Foi estudante no IDSS a partir dos 3 anos de idade. Começou a aprender Libras nessa instituição e, ao longo dos anos, continuou desenvolvendo suas habilidades. Ele relata que posteriormente se mudou para São Paulo, onde estudou com um grupo de colegas surdos. Mais tarde, voltou para Recife, onde frequentou uma escola inclusiva, mas teve dificuldades de adaptação. O participante diz que concluiu o ensino médio, prestou o vestibular e, depois, começou a trabalhar até se aposentar. Segundo ele, ser surdo e usar a Libras trouxe grande satisfação; sente-se ótimo usando a língua de sinais.

O participante escreve em português, mas não é sua preferência. Relata que às vezes comete alguns erros, mas consegue entender as palavras quando acompanhadas dos sinais, embora a comunicação dele em português ainda tenha algumas limitações devido à surdez. Aprendeu um pouco de inglês, mas apenas o básico.

Nasceu no interior, e sua mãe não sabia que era surdo. Diz que ela começou a perceber algo estranho quando o chamava e ele não respondia. Quando ele tinha cerca de 1 ano, ela o levou a Recife para um exame médico. No consultório, o médico confirmou que o filho era surdo. A sua mãe chorou, preocupada com o futuro do filho, mas o médico a encorajou e a ajudou a procurar uma escola para surdos. Segundo ele, foi assim que, aos 3 anos, começou a estudar no IDSS, no qual cresceu aprendendo Libras. Diz que, apesar de todas as dificuldades, desenvolveu um grande amor pela comunidade surda e é muito feliz.

4.3.2 Primeira participante mulher, surda e idosa

Figura 31 – Primeira participante mulher, surda e idosa



Fonte: elaboração própria (2025).

A participante estudou no IDSS e, assim, cresceu em um ambiente surdo, em que teve acesso a várias disciplinas por meio da Libras. Nesse contexto, sentia-se conectada à comunicação surda e à sua comunidade. Considera o português uma língua difícil. A leitura e a escrita das palavras ainda são falhas, por isso prefere a Libras. Ela entende que o mundo da comunicação dos surdos é melhor em Libras e acredita que ser bilíngue é uma vantagem.

Morou no interior, mudou-se várias vezes e, depois, passou a estudar junto com o irmão surdo em outra escola. Estudou em escola inclusiva da 4ª série ao ensino médio e, tempos depois, concluiu o curso de Letras-Libras. Conseguiu um trabalho e, durante as férias, viajava para conhecer novos lugares e reencontrar amigos. Movida pela curiosidade sobre como criar uma associação de surdos, pensou em fundar uma em Pernambuco. Pediu uma cópia da estrutura da Associação de Surdos do Ceará e, com a aceitação dos amigos, deu início à fundação da ASSPE.

4.3.3 Segunda participante mulher, surda e idosa

Figura 32 – Segunda participante mulher, surda e idosa



Fonte: elaboração própria (2025).

A infância e o crescimento da participante foram marcados pela entrada no IDSS em 1974, quando esse estava localizado no bairro de Casa Forte. No início, ela não sabia Libras. Tinha cerca de seis anos quando começou a aprender a língua de sinais. Em seu próprio ritmo, utilizando-a minimamente em casa, foi desenvolvendo a Libras com curiosidade e paixão, o que fez seu aprendizado avançar rapidamente.

De acordo com a participante, os pais dela não perceberam sua surdez imediatamente. Ela não pensava em Libras, mas, com o tempo, a curiosidade a levou a perguntar e a buscar entender o mundo ao redor. Só mais tarde percebeu que a Libras era a sua língua, um presente vindo da comunidade surda. Entendendo-se como surda de verdade, reconhece a Libras como fundamental em sua vida. Apesar de usá-la com mais frequência, a língua portuguesa e seu aprendizado continua sendo um desafio. Seu desenvolvimento nessa língua ainda não é completo, mas ela se esforça para aprendê-la, compreendendo que, para fixar uma palavra, precisa conhecer o contexto e o lugar em que se aplica. Ser bilíngue é muito importante para ela, relata.

Como ela nota, sua vida começou com a surdez, mas os pais não a perceberam logo de início. Descobriram sua condição quando ela tinha cerca de um ano. É muito grata a eles por todo o esforço para que pudesse estudar no IDSS. No entanto, posteriormente, foi transferida para uma escola inclusiva, em que enfrentou preconceito e *bullying*. Sua vida se tornou muito difícil e cheia de limites, pois as pessoas não a entendiam, segundo ela.

A participante relata que sofreu muito *bullying* na escola inclusiva. Ficou lá dos três aos quatro anos, quando seus pais decidiram retirá-la da escola. Muitos anos se passaram até que uma pessoa surda a visitou em casa, conversou com ela e a aconselhou a voltar a estudar. Segundo o relato da participante, essa pessoa lhe falou sobre uma boa escola, o IEP (Instituto

de Educação de Pernambuco), na qual havia alguns alunos surdos. Ela afirma que deu graças a Deus e ficou muito feliz com a notícia. Diz que, a partir de então, começou de fato a se desenvolver, processo que segue até hoje. A participante destaca sua gratidão aos pais por não terem desistido dela, bem como à amiga que a ajudou a retornar aos estudos no antigo IEP.

Atualmente, a participante informa que é presidente da ASSPE (Associação de Surdos de Pernambuco). Reconhece que se trata de um grande desafio, mas lembra que assumiu o cargo em 2019 e o mantém até hoje enfrentando as adversidades. Relata que aprende muito nessa função e que considera a presidência um símbolo para a comunidade surda. Ela enfatiza que não quer que a ASSPE desapareça, pois a instituição representa um espaço de vida para muitas pessoas. No entanto, admite que, no momento, não é uma tarefa fácil ser presidente.

4.3.4 Segundo participante homem, surdo e idoso

Figura 33 – Segundo participante homem, surdo e idoso



Fonte: elaboração própria (2025).

O participante revela que sua jornada com a comunicação oral começou por volta das décadas de 1970 e 1980, quando ingressou no Centro de Reabilitação da Audição. Mais tarde, conforme relata, um amigo o convidou para conhecer o IDSS. Ele explica que esse amigo o visitou e, como ainda não tinha nenhum conhecimento em Libras, foi auxiliado por ele na compreensão e tradução do que acontecia naquele espaço. O participante afirma que adorou o IDSS, encantou-se com a Libras e decidiu que não queria mais seguir pela via da comunicação oral.

Ele reconhece que a Libras lhe trouxe um novo sentido para a vida e proporcionou a ele bem-estar. Entretanto, ressalta que seus pais priorizavam a comunicação oral, o que dificultava bastante a interação familiar. Foi nesse contexto, segundo relata, que começou a participar da ASSPE, em que teve a oportunidade de aprender e se desenvolver. Acrescenta ainda que continua ativo na associação até os dias atuais.

O participante recorda que, no passado, esse mesmo amigo o aconselhou a mudar para o IDSS. Relata que o amigo chamou seu irmão, que, até então, não conhecia Libras, para acompanhá-lo. Segundo ele, o irmão aceitou aprender a língua de sinais e, mesmo tendo boa desenvoltura na comunicação oral, dedicou-se e aprendeu Libras. O participante acrescenta que ambos frequentavam encontros e atividades em bairros como Tamarineira e Casa Amarela. No início, afirma que não entendia muito dos eventos, mas hoje reconhece que, graças à Libras, consegue se desenvolver plenamente.

Para o participante, a decisão de ir para o IDSS foi a mais acertada. Ele destaca que, a princípio, não teve, de fato, uma experiência de inclusão no ambiente escolar. Sua formação, como relata, sempre esteve baseada na comunicação oral. Somente depois de mudar-se para o IDSS, sua trajetória passou por uma transformação significativa. O participante conta que começou os estudos nessa instituição, embora, no início, não houvesse séries definidas e o foco recaísse apenas na comunicação oral. Afirma que conseguiu avançar até a 5ª série, mas precisou interromper os estudos por causa do trabalho. Explica que viajava constantemente para filmagens e, por isso, os estudos acabaram ficando em segundo plano.

O entrevistado diz que sua paixão pela Libras é imensa e que considera crucial aprender e dominar essa língua. Segundo ele, a Libras possibilita um contato muito bom com seus amigos surdos e lhe deu um novo sentido na vida, mostrando-lhe novas perspectivas e permitindo o acesso a pessoas maravilhosas. Ele afirma, no entanto, que também considera importante continuar estudando português. Explica que, às vezes, quando interrompe os estudos, acaba esquecendo parte do que aprendeu, por isso sente a necessidade de manter o ritmo. Para ele, “o bom é sempre continuar aprendendo”.

O participante destaca que, com o tempo, teve a alegria de reencontrar ex-colegas de esporte, diretores e diversas pessoas que frequentavam a ASSPE, além de retomar contatos dentro da própria família. Ele menciona que possui um irmão surdo, com quem consegue conversar tranquilamente em Libras. Contudo, acrescenta que seus outros irmãos não dominam a Libras, mantendo com eles apenas uma comunicação oral. Relata que o irmão que sabia Libras e comunicação oral se comunicava muito. Afirma ainda que sua mãe, por não entender a Libras, dependia desse irmão para traduzir as conversas com os pais. Os demais irmãos, segundo ele, aprenderam apenas o alfabeto manual. O participante finaliza dizendo que é muito triste saber que esse irmão já faleceu e que, por isso, se sente sozinho.

4.3.5 Primeiro participante homem, surdo e jovem

Figura 34 – Primeiro participante homem, surdo e jovem



Fonte: elaboração própria (2025).

O participante foi diagnosticado como surdo quando tinha 1 ano e 8 meses. Sua primeira língua é a Libras. Diz que estudou na escola SUVAG, que era bilíngue, com ensino em Libras, e em que todos os professores sabiam Libras. O entrevistado fala que teve uma experiência positiva crescendo na SUVAG e que, como criança surda, foi uma grande conquista estudar em uma escola na qual toda a comunicação era feita em duas línguas. Na escola, conversavam de forma produtiva, e o ambiente era muito bom. Ele afirma preferir o mundo bilíngue, que considera mais importante para si.

O participante ainda diz que passou a infância na SUVAG, em que estudou até a 8ª série com professores bilíngues. Estava acostumado ao ambiente bilíngue, mas, quando foi para uma escola inclusiva no Ensino Médio, teve dificuldade em se adaptar aos colegas ouvintes, professores ouvintes e intérpretes de Libras. Foi confuso no início, mas conseguiu se adaptar.

Passou no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e agora cursa Educação Física na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Como surdo, acredita que a comunidade surda e a identidade surda são muito importantes. Sente muito orgulho de ser surdo e de usar Libras como sua língua principal.

Sua língua é a Libras, mas também utiliza o português quando interage com ouvintes. Está aprendendo português como sua segunda língua, mas ainda não a domina completamente. Escreve em português de forma mais ou menos adequada, porque ainda está em processo de aprendizado dessa segunda língua. Afirma, assim, ser bilíngue.

O participante, que nasceu surdo, diz que sua história começa com seus pais aceitando-o e cuidando dele com muito amor. Quando nasceu, uma enfermeira ligou para sua mãe, que estava esperando um filho adotivo. Ela veio visitá-lo e decidiu adotá-lo e cuidar dele. Seus pais o levaram ao médico para avaliar sua saúde e, após exames, descobriram que ele era surdo. A

mãe ficou preocupada sobre como criar um filho surdo, mas lutou para encontrar apoio com profissionais da fonoaudiologia, os quais deram indicações sobre escolas para surdos.

Foi assim que ingressou na SUVAG quando tinha 1 ano e 8 meses e, desde então, vem se desenvolvendo com a Libras. Na SUVAG, segundo ele, conheceu outros surdos e foi informado sobre a ASSPE. Sempre foi apaixonado por esportes e, desde criança, participou de atividades esportivas na ASSPE, experiência que influenciou seu futuro, relata.

4.3.6 Primeira participante mulher, surda e jovem

Figura 35 – Primeira participante mulher, surda e jovem



Fonte: elaboração própria (2025).

A participante relata que, quando era pequena, sua mãe começou a ensiná-la balbuciando. Quando tinha 1 ano e meio, começou a formular sinais, como o sinal ÁGUA, que foi um dos primeiros que aprendeu corretamente em Libras, segundo ela. Além desse, sua mãe sabia que outros sinais básicos como PÃO também precisavam ser desenvolvidos, incluindo a compreensão da iconicidade para que tivesse uma base para comunicação. Relata que a língua de sinais é sua primeira língua, o que é importante para a interação tanto na comunidade em que se insere quanto na sua família. A participante é DODA, surda e filha de pais surdos, e aprendeu a se desenvolver se comunicando com a Libras¹.

Foi estudante na escola Governador Barbosa Lima e, desde a infância, iniciou o aprendizado da Libras, considerado essencial para seu desenvolvimento. Ela ressalta que foi uma grande oportunidade aprender a Libras desde a infância e destaca a importância de disseminar o uso da Libras na comunidade surda, para que todos possam se desenvolver e se compreender melhor. A participante manifesta forte emoção em relação à Libras, reconhecendo

¹ DODA é uma abreviação do termo em inglês *deaf child of deaf adults*. Em português, a expressão é traduzida como filho(a) surdo(a) de pais surdos. A família, por outro lado, é mais comumente chamada de *deaf families*, famílias surdas.

sua importância pessoal. Embora ainda precise desenvolver algumas palavras, relata que tem progredido.

Afirma que a comunicação escrita em português também é importante e que precisa continuar se adaptando e desenvolvendo suas habilidades nessa língua. Diz que ser bilíngue é muito importante para ela, e compreender a relevância do bilinguismo para surdos é fundamental. A participante sente que ser bilíngue é muito positivo para sua vida.

Segundo ela, com exceção de seus pais, o restante da família é ouvinte e se comunica de forma oral. Avalia que a diferença entre essas formas de comunicação foi evidente para ela ao longo dos anos. Ela começou em uma escola bilíngue para surdos, mas depois se mudou para uma escola inclusiva, na qual se formou no Ensino Médio. Sente que, apesar das diferenças, a sua família a ama e sempre a apoiou. Para estabelecer um bom futuro, diz que uma grande oportunidade tem sido poder estudar muito e desenvolver habilidades, sendo muito importante para o seu aprendizado o apoio da sua família.

4.3.7 Segunda participante mulher, surda e jovem

Figura 36 – Segunda participante mulher, surda e jovem



Fonte: elaboração própria (2025).

A participante nasceu ouvinte, mas contraiu meningite quando tinha 1 ano e 3 meses. Após isso, sua mãe e o restante da família começaram a suspeitar de sua surdez. Para ela, seu aprendizado verdadeiro começou aos 5 anos com o alfabeto manual e, somente aos 14 anos, ela começou a aprender Libras. Ela é bilíngue e entende que a Libras é sua L1 (primeira língua), pois se sente mais confortável e à vontade utilizando-a, sem a necessidade de se comunicar oralmente.

No passado, sua família se comunicava oralmente e por escrito, mas a participante percebeu que isso não a ajudava muito. No início, a Libras proporcionou-lhe o prazer de uma comunicação fácil e confortável, começando pela iconicidade. Essa língua de sinais foi fundamental para auxiliá-la, e o aprofundamento no português veio depois. Ela ressalta que a

comunicação em português é essencial, especialmente com pessoas ouvintes, como a família, que precisam do português. Também considera importante a escrita dessa língua, pois a sociedade valoriza essa forma de comunicação.

Estudou na Escola Rochael de Medeiros e, no ambiente inclusivo, passou a frequentar o AEE (Atendimento Educacional Especializado) e o SEA (Serviço de Atendimento Educacional). Considera que a escola foi importante, pois o ensino contribuiu para o seu desenvolvimento pessoal e para a vida em sociedade. Ela afirma que a experiência foi crucial para sua identidade como surda e a fez perceber a importância da comunicação entre surdos e outras formas de relacionamento.

Participou de programas na Universidade Católica de Pernambuco, na qual iniciou o aprendizado da comunicação oral. Aos 5 anos, começou a assistir a vídeos no YouTube para aprender o alfabeto manual e, depois, buscava o aprendizado do português. Aos 11 anos, iniciou contato com surdos e, a partir desse momento, dedicou-se à Libras, chegando a cursar Letras-Libras.

4.3.8 Segundo participante homem, surdo e jovem

Figura 37 – Segundo participante homem, surdo e jovem



Fonte: elaboração própria (2025).

O participante começou a aprender Libras com apenas três anos graças à sua mãe, que fez um curso e o ensinou. Assim, a Libras se tornou sua primeira língua (L1), a materna. A educação inicial do participante foi no Jardim de Infância Ana Rosa Falcão de Carvalho, em que sempre esteve em um grupo de colegas surdos, sendo essa relação delimitada e grupal ainda uma realidade.

Para ele, é crucial que o processo de aprendizagem e desenvolvimento aconteça em um ambiente que realmente acolha o estudante. Nesse sentido, entende que a Libras é fundamental e sente-se muito bem comunicando-se por ela. Seu domínio em português é razoável, sendo mais proficiente em Libras. Relata que possui um grande desejo de se tornar bilíngue.

Segundo o participante, ele cresceu e estudou em um ambiente no qual a Libras era a base, convivendo sempre com grupos de surdos. No entanto, com a inclusão atualmente, que busca que ouvintes e surdos se relacionem, relata uma certa dificuldade em se entrosar e não se sente completamente confortável. Diz que já tentou se relacionar com colegas ouvintes, mas percebe que sua conexão e comunicação são muito melhores quando envolvem a Libras. Relata que seria maravilhoso se mais ouvintes aprendessem o básico da Libras para facilitar essa interação, assim como acontece em seu curso de dança.

4.4 Categorias de análise

Para a análise, os dados foram processados pelo *software* ELAN, muito utilizado em pesquisas linguísticas descritivas e disponível gratuitamente. A partir dele, identificamos formas variantes em relação aos campos lexicais envolvendo numerais, parentesco, cores e alimentos. A análise dos dados foi realizada pela pesquisadora surda autora desta dissertação e passou por um processo de revisão.

Tendo em vista a proposta de realizar o levantamento das formas variantes em uma perspectiva qualitativa, fizemos uma comparação dos sinais eliciados entre o grupo de surdos jovens (4 participantes) e o grupo de surdos idosos (4 participantes). A entrevista aconteceu de maneira individual e a elicitación, em dupla. As duplas formadas correspondentes aos jovens e idosos serão apresentadas a seguir, ainda nesta seção.

As perguntas da entrevista para levantamento de dados sociolinguísticos seguiram o seguinte roteiro: “qual é o seu nome?”; “qual é o seu sinal?”; “qual é a sua idade?”; “com qual idade ocorreu a aquisição da Libras?”; “por qual motivo você iniciou a aquisição da Libras?”; “como era/é o uso da Libras na escola em que você estudou/estuda?”; “você estudou/estuda em escola bilíngue ou escola inclusiva?”; “fale um pouco sobre sua trajetória escolar e o papel da Libras durante sua formação”; “o que você acha que poderia ser feito para promover, fortalecer e preservar a Libras?”; “como você se sente usando a Libras?”; “quão importante é a Libras para você?”; “como você se sente usando o português?”; “quão importante é o português para você?”; “você se considera bilíngue?”; “conte um pouco sobre sua história de vida”.

Compreendemos que houve uma limitação durante os procedimentos de coleta de dados. A elicitación aconteceu em dupla, ou seja, um participante estava visível ao outro participante, pois estavam sentados frente a frente. Enquanto um dos participantes era estimulado a produzir determinado item lexical, o outro participante assistia aos procedimentos. Isso significa que um

pode ter influenciado o outro participante, o que pode ter limitado as possibilidades de formas variantes. A Figura 49 ilustra o procedimento de elicitación em dupla.

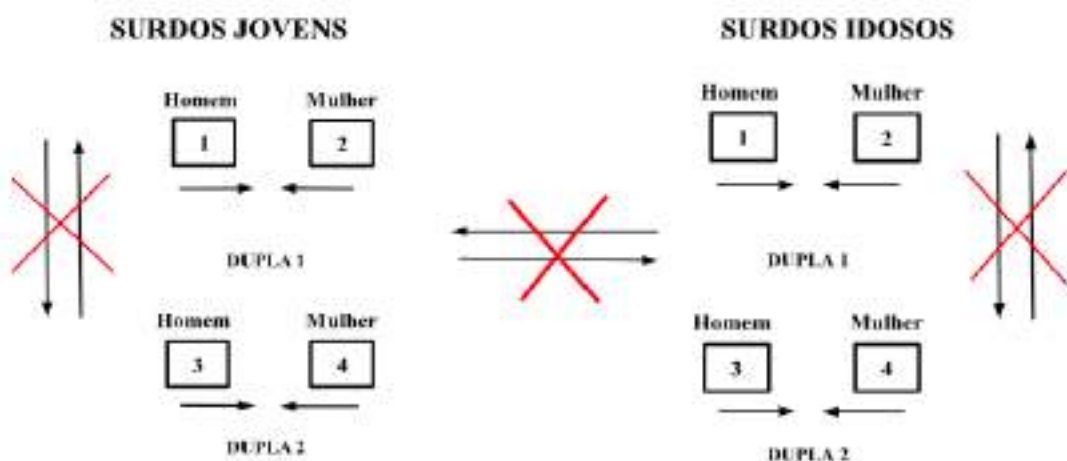
Figura 38 – Elicitación em dupla



Fonte: elaboração própria (2025).

Ainda assim, entre as duplas, foi possível preservar o procedimento de elicitación de possíveis influências de formas lexicais. A Figura 39 ilustra como, no procedimento de coleta de cada dupla, não houve influência de outra dupla. As setas pretas indicam a visualização de participantes sobre a produção de outros. As setas vermelhas, que se cruzam, representam a ausência de visualização entre as duplas.

Figura 39 – Limitación da coleta de dados



Fonte: elaboração própria (2025).

Inicialmente, separamos as formas lexicais viabilizadas pelos 8 participantes e ilustramos todas essas formas lexicais. Em seguida, identificamos as formas variantes a partir

da comparação entre os participantes, atendendo ao objetivo da pesquisa de identificar as formas lexicais disponíveis quanto a numerais, termos de parentesco, cores e alimentos na Libras, a partir da elicitación de surdos jovens e idosos de Recife (PE).

A identificação de critérios objetivos para a distinção entre variação a nível lexical e variação a nível fonético-fonológico seguiu-se a partir de uma análise intuitiva e subjetiva da pesquisadora, que é surda e sinalizante da Libras como primeira língua. Após a identificação das formas variantes, intuímos, ainda que de maneira subjetiva, se as formas diferiam muito ou diferiam pouco. A partir dessa primeira análise, fizemos a identificação de critérios objetivos. Estamos cientes de que essa é uma proposta preliminar e que precisa de uma maior investigação.

Foram escolhidos os sinais em que os 8 participantes utilizaram em suas respostas, desconsiderando aqueles que algum dos participantes não sinalizou. No total, optamos por analisar 5 sinais das categorias mencionadas: numerais, alimentos, parentesco e cores. Escolhemos os sinais de cada uma dessas categorias que mais variaram entre os participantes.

Durante a análise dos dados, estivemos atentos às possíveis variações nos aspectos sublexicais que formam o sinal. Observamos de maneira comparativa os dedos que compõem a configuração de mão, a presença da monomanualidade e da bimanualidade, o movimento, o ponto de articulação e as expressões não manuais. No caso da variação em relação à dominância, desconsideramo-la como um aspecto da variação; ou seja, desconsideramos se a mão dominante foi a esquerda ou a direita.

Por fim, a seguir, apresentamos uma imagem representando a dupla participante e quadros com o tempo de duração de cada um dos vídeos em relação às categorias de análise.

Figura 40 – Primeira dupla de surdos idosos



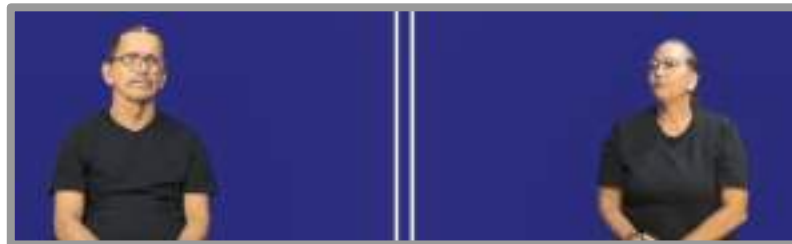
Fonte: elaboração própria (2025).

Quadro 1 – Duração da elicitação com a primeira dupla de idosos

Categorias	Tempo de duração	Tempo de duração
Sinais de números	21:44.396 até 26:31.679	10:36.617 até 10:48.010
Sinais de cores	26:04.787 até 26:31.679	16:43.816 até 17:12.184
Sinais de parentesco	27:02.795 até 27:15.319	18:06.896 até 18:23.694
Sinais de alimentos	27:19.486 até 28:15.511	18:29.122 até 19:23.694

Fonte: elaboração própria.

Figura 41 – Segunda dupla de surdos idosos



Fonte: elaboração própria (2025).

Quadro 2 – Duração da elicitação com a segunda dupla de idosos

Categorias	Tempo de duração	Tempo de duração
Sinais de números	21:44.396 até 26:31.679	10:36.617 até 10:48.010
Sinais de cores	26:04.787 até 26:31.679	16:43.816 até 17:12.184
Sinais de parentesco	27:02.795 até 27:15.319	18:06.896 até 18:23.694
Sinais de alimentos	27:19.486 até 28:15.511	18:29.122 até 19:23.694

Fonte: elaboração própria (2025).

Figura 42 – Primeira dupla de surdos jovens



Fonte: elaboração própria (2025).

Quadro 3 – Duração da elicitação com a primeira dupla de jovens

Categorias	Tempo de duração	Tempo de duração
Sinais de números	21:28.677 até 21:36.874	11:42.826 até 11:53.386
Sinais de cores	25:43.208 até 26:00.039	16:54. 049 até 17:16.359
Sinais de parentesco	26:21.387 até 26:36.085	17:42.120 até 18:02.736
Sinais de alimentos	26:39.806 até 27:38.638	18:06.705até 19:08.744

Fonte: elaboração própria (2025).

Figura 43 – Segunda dupla de surdos jovens



Fonte: elaboração própria (2025).

Quadro 4 – Duração da elicitação com a segunda dupla de jovens

Categorias	Tempo de duração	Tempo de duração
Sinais de números	17:11.791 até 17:20.866	08:29.989 até 08:39.235
Sinais de cores	22:50.768 até 23:15.746	13:43.828 até 14:00.417
Sinais de parentesco	43:48.736 até 24:09.257	14:23.855 até 14:00.417
Sinais de alimentos	24:14.856 até 25:14.828	14:49.457 até 15:33.708

Fonte: elaboração própria (2025).

No próximo capítulo, apresentamos os resultados da análise em relação às categorias numerais, cores, parentesco e alimentos, propondo alguns critérios para a diferenciar variação lexical de variação fonológica.

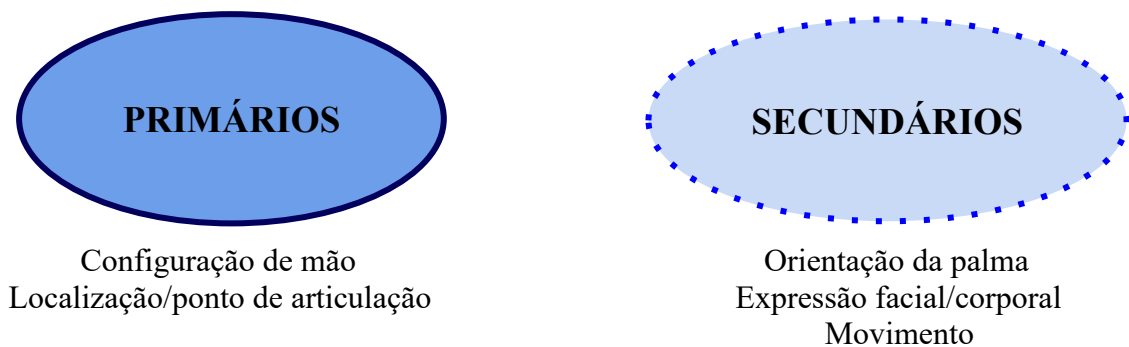
5 RESULTADOS E ANÁLISE

5.1 Diferença entre variação fonético-fonológica e lexical

Em geral, as unidades sublexicais das línguas de sinais são descritas a partir de cinco parâmetros, que envolvem configuração de mãos, movimento, localização ou ponto de articulação, orientação da palma e expressões faciais (Ferreira, 2010 [1995]; Quadros; Karnopp, 2004).

Definimos como parâmetros fortes a configuração de mão, o movimento, a localização ou o ponto de articulação. Como critérios fracos, definimos a orientação da palma e as expressões faciais. Na literatura, os parâmetros fortes são considerados primários e os parâmetros fracos são considerados secundários. A Figura 44 a seguir ilustra essas considerações.

Figura 44 – Parâmetros (primários) e parâmetros (secundários)



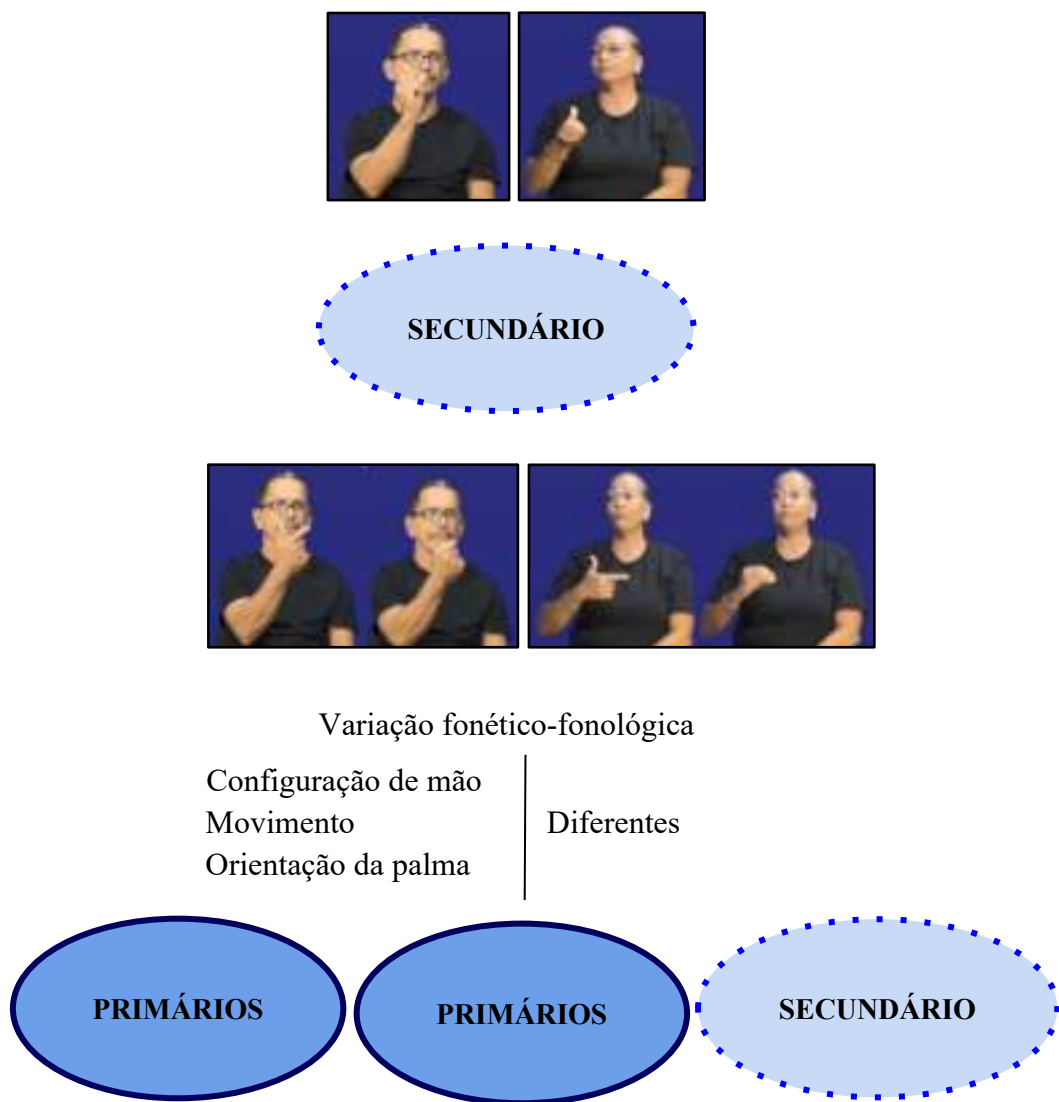
Fonte: elaboração própria (2025).

Sugerimos que a variação lexical acontece quando, no mínimo, dois parâmetros fortes são diferentes. A variação fonético-fonológica acontece quando: (1) apenas um parâmetro forte é diferente, (2) apenas um parâmetro forte e um fraco são diferentes, (3) apenas um parâmetro fraco é diferente ou, ainda, (4) dois parâmetros fracos são diferentes.

Para exemplificar esses critérios, mencionamos a variação fonético-fonológica entre as formas do sinal SEIS. Em uma das formas, o sinal SEIS é articulado com a orientação da palma voltada para frente, enquanto, na outra forma, a orientação da palma é voltada para cima. Os demais parâmetros são semelhantes. Assim, há diferença apenas na orientação da palma, que é considerada um parâmetro fraco (secundário). Nesse caso, temos uma variação fonético-fonológica.

Em relação ao sinal VINTE, encontramos uma forma que apresenta apenas uma configuração de mão, com os dedos polegar e indicador estendidos, havendo também um movimento de contato da ponta desses dedos. Trata-se de um sinal simples. Em uma outra forma, o sinal VINTE é composto, sendo a primeira unidade formada com os dedos polegar e indicador estendidos e, a segunda unidade, com todos os dedos parcialmente fletidos e em contato na extremidade. Assim, essas duas formas diferem-se na configuração de mão, no movimento e na orientação da palma. A Figura 45 ilustra esses dados.

Figura 45 – Variação fonético-fonológica de SEIS e lexical de VINTE



Fonte: elaboração própria (2025).

Novamente, a variação lexical acontece quando, no mínimo, dois parâmetros fortes são diferentes. A variação fonético-fonológica acontece quando apenas um parâmetro forte é

diferente, quando apenas um parâmetro forte e um fraco são diferentes, quando apenas um parâmetro fraco é diferente ou quando dois parâmetros fracos são diferentes. A Figura 46 e a Figura 47 ilustram essas considerações.

Figura 46 – Variação lexical



Fonte: elaboração própria.

Figura 47 – Variação fonético-fonológica



Fonte: elaboração própria (2025).

Durante a análise de dados e elaboração dos critérios que diferenciam a variação lexical da fonético-fonológica, notamos que as mãos dos sinalizadores foram posicionadas em diferentes pontos do espaço de sinalização, nos casos em que o posicionamento esperado é no espaço neutro. Nessas situações, a variação foi desconsiderada. Isso ocorreu, por exemplo, quando um dos informantes apresentava uma forma próximo ao corpo e outro, mais à direita ou à esquerda; essa variação foi desconsiderada.

Além disso, entendemos que há um gradiente entre as formas que constituem determinado parâmetro (Barros, 2008). Nesse sentido, algumas variações muito sutis foram desconsideradas. A mudança na dominância das mãos também foi desconsiderada.

5.2 Variação em sinais de numerais

Os numerais 1, 2 e 3 foram excluídos, porque alguns dos participantes não perceberam que se tratava de elicitación e não os realizaram. A Figura 48 ilustra os sinais do numeral QUATRO. Compreendemos que há uma forma lexical e que a variação acontece a nível fonético-fonológico. Um círculo abarca a forma lexical e suas formas variantes.

Os sinais destacados em laranja variam em relação às outras formas quanto à posição da mão, que está em um alinhamento mais horizontal, e à palma da mão, que está voltada para trás. O sinal destacado em vermelho varia em comparação às demais formas quanto ao alinhamento, mais ao sentido vertical, e à palma da mão, que está voltada para frente. Os sinais destacados em verde variam em relação às outras formas quanto ao alinhamento, que está em sentido vertical, e à palma da mão, que está voltada para trás.

Figura 48 – Variação do numeral QUATRO



A Figura 49 ilustra os sinais do numeral SEIS. Consideramos que há uma forma lexical e que a variação acontece a nível fonético-fonológico. Um círculo abarca a forma lexical e suas formas variantes. O sinal destacado em azul varia em relação às outras formas quanto à palma

da mão, que está voltada para frente. A região lateral dos dedos indicador e polegar está próxima ao sinalizante e o antebraço está pronado. O sinal destacado em verde varia em relação às demais formas quanto à palma da mão, que está voltada para cima, e ao antebraço, que está supinado. Nos sinais destacados em vermelho, a palma da mão parece estar voltada para trás e o antebraço está neutro.

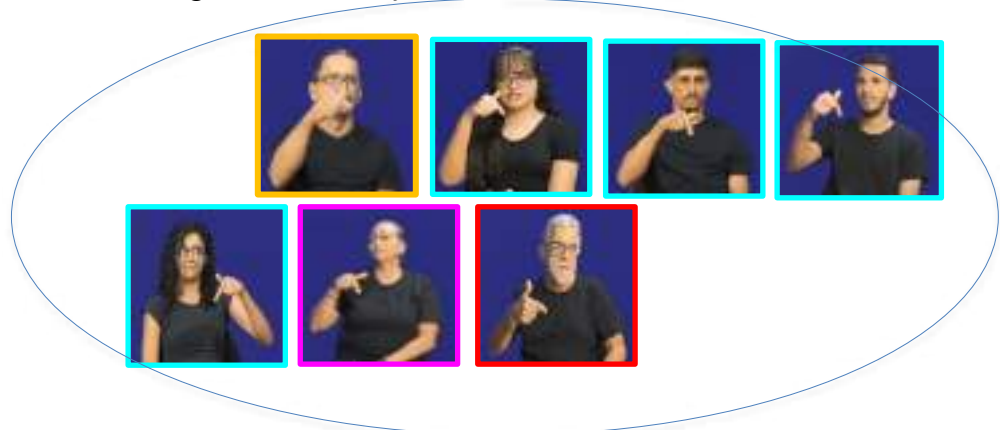
Figura 49 – Variação do numeral SEIS



A Figura 61 a seguir ilustra os sinais do numeral SETE. Consideramos que há uma forma lexical e que a variação acontece a nível fonético-fonológico. Um círculo abarca a forma lexical e suas formas variantes.

O sinal destacado em laranja varia comparados às demais formas em relação à posição do polegar e à flexão das articulações que compõem o polegar. O polegar está aduzido, ou seja, está encostado ao dedo indicador e a articulação interfalangeana esteja fletida (dobrada). Nos sinais destacados em azul, o polegar também aduzido (encostado ao dedo indicador), mas a articulação interfalangeana está estendida (reta). No sinal destacado em rosa, o polegar abduzido, ou seja, está afastado do dedo indicador, a articulação interfalangeana está estendida (reta) e, em relação à palma da mão, a palma está voltada para baixo. No sinal destacado em vermelho, o polegar está afastado do dedo indicador, a articulação interfalangeana está estendida (reta) e, quanto à palma da mão, a palma está voltada para medial.

Figura 50 – Variação do numeral SETE

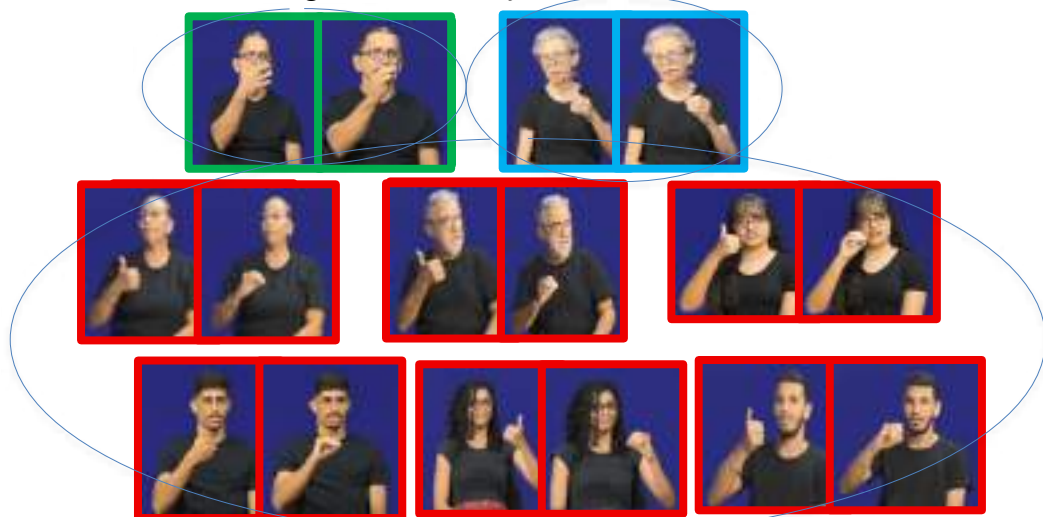


Fonte: elaboração própria (2025).

A Figura 51 ilustra os sinais do numeral DEZ. Entendemos que há três formas lexicais e que, em uma das formas, há variação a nível fonético-fonológico. Um círculo abarca cada uma das formas lexicais.

O sinal destacado em verde varia em relação às demais formas quanto à configuração de mão e ao movimento. A configuração envolve todos os dedos estendidos e abduzidos. Há um movimento que envolve os dedos polegar e indicador. O dedo polegar movimenta-se para tocar na sua extremidade a extremidade do dedo indicador, enquanto há um movimento de pronação do antebraço. No sinal destacado em azul, o dedo polegar está estendido e os outros dedos estão curvados e aduzidos. O polegar se move para fazer o contato de sua extremidade com os outros dedos, sendo que apenas o polegar se movimenta. Os sinais destacados em vermelho envolvem duas configurações de mão. Inicialmente, a mão dominante configura-se com o dedo polegar estendido e os outros dedos fechados. Posteriormente, todos os dedos ficam curvados e tocam em suas extremidades.

Figura 51 – Variação do numeral DEZ



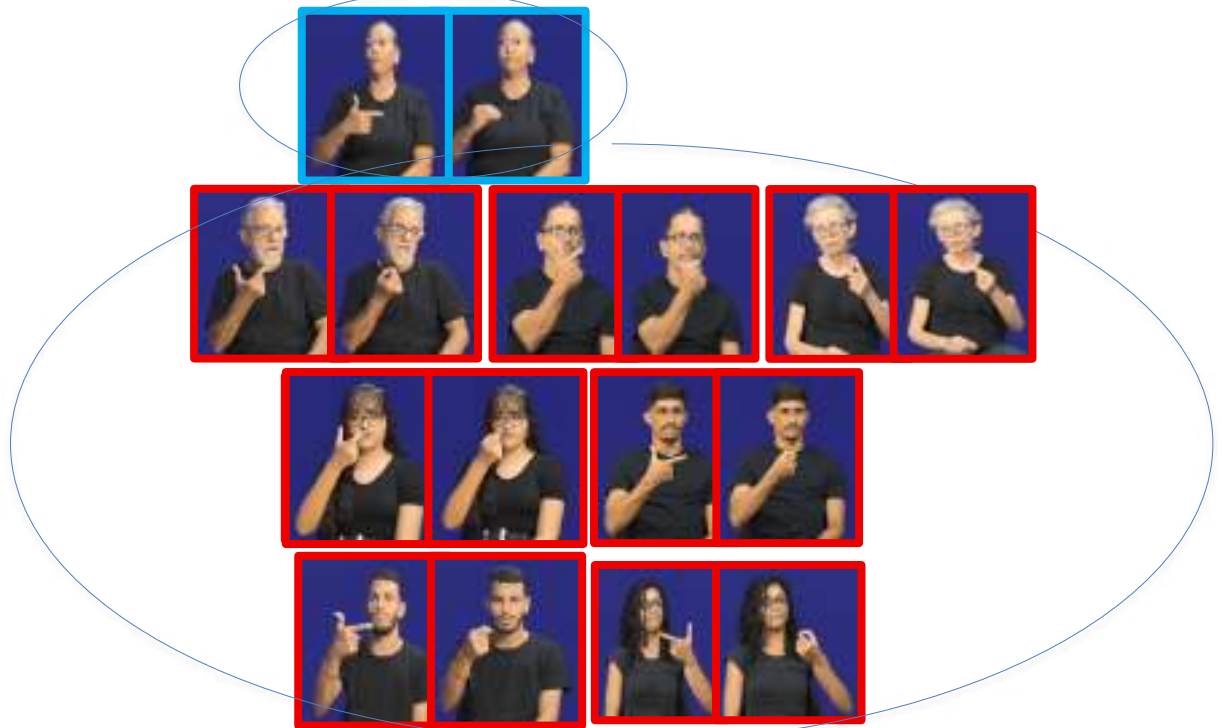
Fonte: elaboração própria (2025).

Por sua vez, a Figura 52 ilustra os sinais do numeral VINTE. Consideramos que há duas formas lexicais e que, em uma das formas, há variação a nível fonético-fonológico. Um círculo abarca cada uma das formas lexicais.

O sinal destacado em azul varia em comparação às demais formas pela sua configuração de mão e pelo movimento. Há duas configurações de mão distintas. Inicialmente, a mão dominante configura-se com o dedo polegar e o indicador estendidos e com os outros dedos fechados. Posteriormente, todos os dedos ficam curvados e há toque em suas extremidades. Os

sinais destacados em vermelho envolvem apenas uma configuração de mão. O dedo polegar e o dedo indicador estão estendidos e, após isso, há um movimento de aproximação das extremidades dos dois dedos.

Figura 52 – Variação do numeral VINTE






Fonte: elaboração própria (2025).

5.2.1 Variação fonético-fonológica

Os sinais que codificam o numeral QUATRO, a seguir, ilustram variação a nível fonético-fonológico, porque apenas um parâmetro secundário é diferente: orientação da palma. O Quadro 5 ilustra essa variação, de modo que está indicada em *itálico* a variação entre as formas apresentadas.




Quadro 5 – Variação fonético-fonológica do sinal QUATRO

Sinal	Parâmetros primários	Parâmetros secundários
	<p>1 – Configuração de mão Dedos selecionados: indicador, médio, anelar e mínimo, adução (–) e abdução (+).</p> <p>2 – Movimento Não há movimento.</p> <p>3 – Ponto de articulação Espaço neutro.</p>	<p>4 – Orientação <i>Horizontal (+), vertical (–), Para trás (+), para frente (–), medial (–), lateral (–), para cima (–) e para baixo (–).</i></p> <p>5 – Expressão facial Não há expressão facial.</p>
Sinal	Parâmetros primários	Parâmetros secundários
	<p>1 – Configuração de mão Dedos selecionados: indicador, médio, anelar e mínimo, adução (–) e abdução (+).</p> <p>2 – Movimento Não há movimento.</p> <p>3 – Ponto de articulação Espaço neutro.</p>	<p>4 – Orientação <i>Horizontal (–), vertical (+), para trás (–), para frente (–), medial (+), lateral (–), para cima (–) e para baixo (–).</i></p> <p>5 – Expressão facial Não há expressão facial.</p>
Sinal	Parâmetros primários	Parâmetros secundários
	<p>1 – Configuração de mão Dedos selecionados: indicador, médio, anelar e mínimo, adução (–) e abdução (+).</p> <p>2 – Movimento Não há movimento.</p> <p>3 – Ponto de articulação Espaço neutro.</p>	<p>4 – Orientação <i>Horizontal (+), vertical (+), para trás (–), para frente (+), medial (–), lateral (–), para cima (–) e para baixo (–).</i></p> <p>5 – Expressão facial Não há expressão facial.</p>

Fonte: elaboração própria (2025).

Os sinais que codificam o numeral SEIS, a seguir, ilustram variação a nível fonético-fonológico, porque apenas um parâmetro secundário é diferente: orientação da palma. O Quadro 6 ilustra essa variação, estando indicada em *itálico* a variação entre as formas apresentadas. palma.

Quadro 6 – Variação fonético-fonológica do sinal SEIS




Sinal	Parâmetros primários	Parâmetros secundários
	<p>1 – Configuração de mão Dedos selecionados: indicador, médio, anelar e mínimo, adução (-) e abdução (+).</p> <p>2 – Movimento Não há movimento.</p> <p>3 – Ponto de articulação Espaço neutro.</p>	<p>4 – Orientação Horizontal (-), vertical (+), para trás (-) <i>para frente</i> (+), medial (-), lateral (-), para cima (-) e para baixo (-).</p> <p>5 – Expressão facial Não há expressão facial.</p>
Sinal	Parâmetros primários	Parâmetros secundários
	<p>1 – Configuração de mão Dedos selecionados: indicador, médio, anelar e mínimo, adução (-) e abdução (+).</p> <p>2 – Movimento Não há movimento.</p> <p>3 – Ponto de articulação Espaço neutro.</p>	<p>4 – Orientação Horizontal (-), vertical (+), para trás (-), para frente (-), <i>medial</i> (+), lateral (-), para cima (-) e para baixo (-).</p> <p>5 – Expressão facial Não há expressão facial.</p>
Sinal	Parâmetros primários	Parâmetros secundários
	<p>1 – Configuração de mão Dedos selecionados: indicador, médio, anelar e mínimo, adução (-) e abdução (+).</p> <p>2 – Movimento Não há movimento.</p> <p>3 – Ponto de articulação Espaço neutro.</p>	<p>4 – Orientação Horizontal (-), vertical (+), <i>para trás</i> (+), para frente (-), medial (-), lateral (-), para cima (-) e para baixo (-).</p> <p>5 – Expressão facial Não há expressão facial.</p>

Fonte: elaboração própria (2025).

Os sinais que codificam o numeral SETE, a seguir, ilustram uma variação a nível fonético-fonológico, porque um parâmetro primário e um parâmetro secundário são diferentes: a configuração de mão e a orientação do dedo indicador (posição). A configuração de mão varia, podendo o polegar estar aduzido ou abduzido e a posição do dedo indicador, na horizontal ou na vertical.

O Quadro 7 ilustra essa variação, estando indicadas em itálico as variações entre as formas apresentadas. Novamente, um parâmetro primário e um parâmetro secundário variam. Por isso, de acordo com os critérios elencados, a variação é considerada fonético-fonológica.

Quadro 7 – Variação fonético-fonológica do sinal SETE

Sinal	Parâmetros primários	Parâmetros secundários
	<p>1 – Configuração de mão Dedos selecionados: indicador e polegar, adução (-) e <i>abdução</i> (+).</p> <p>2 – Movimento Não há movimento.</p> <p>3 – Ponto de articulação Espaço neutro.</p>	<p>4 – Orientação Horizontal (+), <i>vertical</i> (-), para trás (+), para frente (-), medial (-), lateral (-), para cima (-) e para baixo (-).</p> <p>5 – Expressão facial Não há expressão facial.</p>
Sinal	Parâmetros primários	Parâmetros secundários
	<p>1 – Configuração de mão Dedos selecionados: indicador e polegar, adução (-) e <i>abdução</i> (+).</p> <p>2 – Movimento Não há movimento.</p> <p>3 – Ponto de articulação Espaço neutro.</p>	<p>4 – Orientação Horizontal (+), <i>vertical</i> (-), para trás (+), para frente (-), medial (-), lateral (-), para cima (-) e para baixo (-).</p> <p>5 – Expressão facial Não há expressão facial.</p>
Sinal	Parâmetros primários	Parâmetros secundários
	<p>1 – Configuração de mão Dedos selecionados: indicador, médio, anelar e mínimo, adução (-) e <i>abdução</i> (+).</p> <p>2 – Movimento Não há movimento.</p> <p>3 – Ponto de articulação Espaço neutro.</p>	<p>4 – Orientação Horizontal (+), <i>vertical</i> (-), para trás (+), para frente (-), medial (-), lateral (-), para cima (+) e para baixo (-).</p> <p>5 – Expressão facial Não há expressão facial.</p>

Fonte: elaboração própria (2025).

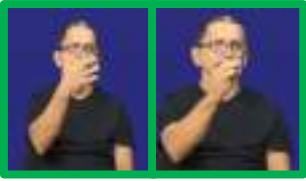
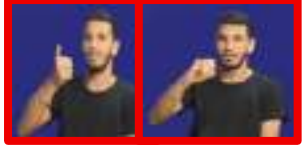
5.2.2 Variação lexical

Os sinais que codificam o numeral DEZ, a seguir, ilustram variação a nível lexical, porque dois parâmetros primários são diferentes: a configuração de mão e o movimento. O primeiro sinal é formado por apenas uma configuração de mão e apresenta um movimento de pronação-supinação do antebraço. O segundo sinal é formado por duas configurações de mão. Inicialmente, a mão dominante está configurada com o polegar estendido e, em seguida, a mão está configurada com todos os dedos semifletidos e a ponta dos dedos em contato (configurada

em zero). Não há movimento fonológico. O movimento que se apresenta é apenas para modificar a configuração de mão.

O Quadro 8 ilustra essa variação. Estão indicadas em itálico as variações entre as formas apresentadas. Novamente, de acordo com os critérios elencados, dois parâmetros primários variam. Por isso, a variação é considerada lexical.

Quadro 8 – Variação lexical do sinal DEZ


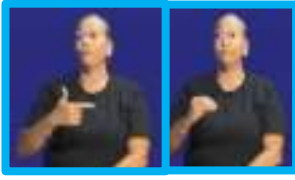
Sinal	Parâmetros primários	Parâmetros secundários
	<p>1 – Configuração de mão (1ª CM) Dedos selecionados: <i>polegar e indicador</i>.</p> <p>2 – Movimento Há movimento.</p> <p>3 – Ponto de articulação Espaço neutro.</p>	<p>4 – Orientação (inicial) Horizontal (+), vertical (-), para trás (+), para frente (-), medial (-), lateral (-), para cima (-) e para baixo (-).</p> <p>5 – Expressão facial Não há expressão facial.</p>
Sinal	Parâmetros primários	Parâmetros secundários
	<p>1 – Configuração de mão (2ª CM) 1ª CM, dedos selecionados: <i>polegar</i>. 2ª CM, dedos selecionados: <i>todos</i>.</p> <p>2 – Movimento Não há movimento.</p> <p>3 – Ponto de articulação Espaço neutro.</p>	<p>4 – Orientação (inicial) Horizontal (+), vertical (-), para trás (+), para frente (-), medial (-), lateral (-), para cima (-) e para baixo (-).</p> <p>5 – Expressão facial Não há expressão facial.</p> <p>Observação: o sinal apresenta 2 segmentos (suspensão).</p>

Fonte: elaboração própria (2025).

Os sinais que codificam o numeral VINTE, a seguir, ilustram uma variação a nível lexical, porque dois parâmetros primários são diferentes: a configuração de mão e o movimento. O primeiro sinal é formado por apenas uma configuração de mão (indicador e polegar estendidos) e apresenta um movimento de flexão parcial do polegar e do indicador para que as extremidades dos dois dedos façam contato. O segundo sinal é formado por duas configurações de mão. Inicialmente, a mão dominante está configurada com o polegar e o indicador estendidos e, em seguida, a mão está configurada com os dedos semifletidos e com a ponta dos dedos em contato (configurada em zero). Não há movimento fonológico. O movimento que se apresenta é apenas para modificar a configuração de mão.

O Quadro 9 ilustra essa variação. Estão indicadas em *itálico* as variações entre as formas apresentadas. Novamente, de acordo com os critérios elencados, dois parâmetros primários variam. Por isso, a variação é considerada lexical.

Quadro 9 – Variação lexical do sinal VINTE

Sinal	Parâmetros primários	Parâmetros secundários
	<p>1 – Configuração de mão (1 CM) Dedos selecionados: <i>polegar e indicador</i>.</p> <p>2 – Movimento Há movimento.</p> <p>3 – Ponto de articulação Espaço neutro.</p>	<p>4 – Orientação Horizontal (+), vertical (-), para trás (+), para frente (-), medial (-), lateral (-), para cima (-) e para baixo (-).</p> <p>5 – Expressão facial Não há expressão facial.</p> <p>Observação: o sinal apresenta 1 segmento.</p>
Sinal	Parâmetros primários	Parâmetros secundários
	<p>1 – Configuração de mão (2 CM) 1ª CM, dedos selecionados: <i>polegar e indicador</i>. 2ª CM, dedos selecionados: <i>todos</i>.</p> <p>2 – Movimento Não há movimento.</p> <p>3 – Ponto de articulação Espaço neutro.</p>	<p>4 – Orientação Horizontal (+) vertical (-) para trás (+), para frente (-), medial (-), lateral (-), para cima (-) e para baixo (-).</p> <p>5 – Expressão facial Não há expressão facial.</p> <p>Observação: o sinal apresenta 2 segmentos.</p>

Fonte: elaboração própria (2025).

5.3 Variação em sinais de alimentos

A Figura 64 ilustra as variações do sinal BATATA. Todos os sinais são bimanuais e assimétricos, em que a mão dominante (ativa) se movimenta e faz contato com a mão não dominante (passiva). Há uma forma lexical e várias formas variantes a nível fonético-fonológico. Um círculo abarca a forma lexical e suas formas variantes.

Figura 53 – Variação do sinal BATATA



Fonte: elaboração própria (2025).

Há variação na mão passiva. Nos sinais destacados em vermelho, laranja, roxo, rosa e azul, a mão não dominante (passiva) está fechada. No sinal destacado em cinza, a mão passiva está aberta com os dedos indicador, médio, anelar e mínimo estendidos e aduzidos, enquanto o polegar está estendido e abduzido.

Ocorre variação também na quantidade de contatos que a mão dominante (ativa) faz com a mão não dominante (passiva). Nos sinais destacados em vermelho, laranja, rosa e azul, a mão dominante (ativa) faz contato duas vezes com a mão não dominante (passiva). Nos sinais destacados em cinza e roxo, a mão dominante (ativa) faz contato três vezes com a mão não dominante (passiva). Assim, há variação na quantidade de contato entre a mão ativa e a mão passiva.

Além disso, acontece variação entre a posição abduzida e a aduzida dos dedos da mão dominante. Nos sinais destacados em vermelho, laranja, cinza, roxo e azul, a mão dominante (ativa) está configurada aberta, com os dedos indicador, médio, anelar e mínimo estendidos e aduzidos, enquanto o polegar está estendido e abduzido. Ou seja, os dedos indicador, médio, anelar e mínimo estão estendidos e juntos, excetuando-se o polegar, que se encontra afastado dos demais. No sinal destacado em rosa, a mão dominante (ativa) está aberta com os dedos

indicador, médio, anelar, mínimo e polegar estendidos e abduzidos. Ou seja, todos os dedos estão afastados.

Há variação na ordem de configuração da mão dominante (ativa). Nos sinais destacados em vermelho e azul, inicialmente, a mão dominante (ativa) está configurada com os dedos indicador, médio, anelar e mínimo estendidos e aduzidos (juntos), quando faz o primeiro contato com a mão não dominante (passiva). Em seguida, a mão dominante está configurada com as articulações dos dedos parcialmente fletidas, quando realiza o segundo contato com a mão não dominante.

No sinal destacado em rosa, inicialmente, a mão dominante (ativa) está configurada com os dedos indicador, médio, anelar e mínimo estendidos e abduzidos (abertos), quando faz o primeiro contato com a mão não dominante (passiva). Em seguida, a mão dominante está configurada com as articulações dos dedos parcialmente fletidas, quando realiza o segundo contato com a mão não dominante.

Nos sinais destacados em laranja e cinza, inicialmente, a mão dominante (ativa) está configurada com as articulações dos dedos parcialmente fletidas, quando realiza o primeiro contato com a mão não dominante. Em seguida, a mão dominante está configurada com os dedos indicador, médio, anelar e mínimo estendidos e aduzidos (juntos), quando faz o segundo contato com a mão não dominante (passiva).

Há variação na posição do polegar da mão dominante (ativa). Nos sinais destacados em vermelho, laranja, cinza, roxo e azul, a mão dominante (ativa) permanece com o polegar estendido, tanto na configuração de mão inicial quanto na configuração de mão final. No sinal destacado em rosa, o polegar na configuração de mão inicial está estendido (aberto), mas, na configuração de mão final, o polegar está fletido (fechado).

A seguir, a Figura 65 ilustra as variações do sinal ABACAXI. Todos os sinais são bimanuais e assimétricos, em que a mão dominante (ativa) movimenta-se e faz contato com a mão não dominante (passiva).

Figura 54 – Variação do sinal ABACAXI



Fonte: elaboração própria (2025).

Na realização do sinal ABACAXI, há variação relativa à mão passiva. No sinal destacado em vermelho, a mão não dominante (passiva) está aberta com os dedos abduzidos. No sinal destacado em amarelo, a mão passiva está aberta com os dedos parcialmente fletidos. No sinal destacado em rosa, a mão passiva está fechada, com o polegar estendido. Nos sinais destacados em verde, a mão passiva está fechada.

Além disso, há variação na mão dominante (ativa). Nos sinais destacados em vermelho, rosa e verde, a mão dominante (ativa) está configurada com os dedos indicador, médio, anelar e mínimo estendidos e aduzidos (juntos) e com o polegar abduzido (aberto). No sinal destacado em amarelo, a mão ativa está aberta com os dedos parcialmente fletidos. Há uma forma lexical e várias formas variantes a nível fonético-fonológico. Um círculo abarca cada uma das formas lexicais.

A Figura 66 ilustra as variações de MARACUJÁ. Os sinais apresentados codificam quatro formas lexicais diferentes: três são sinais simples e monomanuais e um sinal é composto e bimanual.

Figura 55 – Variação do sinal MARACUJÁ



Fonte: elaboração própria (2025).

Na forma lexical destacada na cor marrom, o sinal é monomaneira. A mão dominante está fechada, com os dedos fletidos e posicionada na região da maçã do rosto². Há um movimento de fechar a mão. A orientação da palma está voltada para a medial. Esse sinal parece ser homônimo do sinal DORMIR.

Na forma lexical destacada em azul, o sinal é monomaneira. A configuração de mão está com os dedos polegar e indicador estendidos. Em relação ao dedo indicador, a articulação metacarpofalangeana está fletida e posicionada na região da maçã do rosto. Os outros dedos estão fechados. Há um movimento repetido de flexão dessa articulação. A orientação da palma está voltada para a medial. Esse sinal parece ser homônimo do sinal SONO.

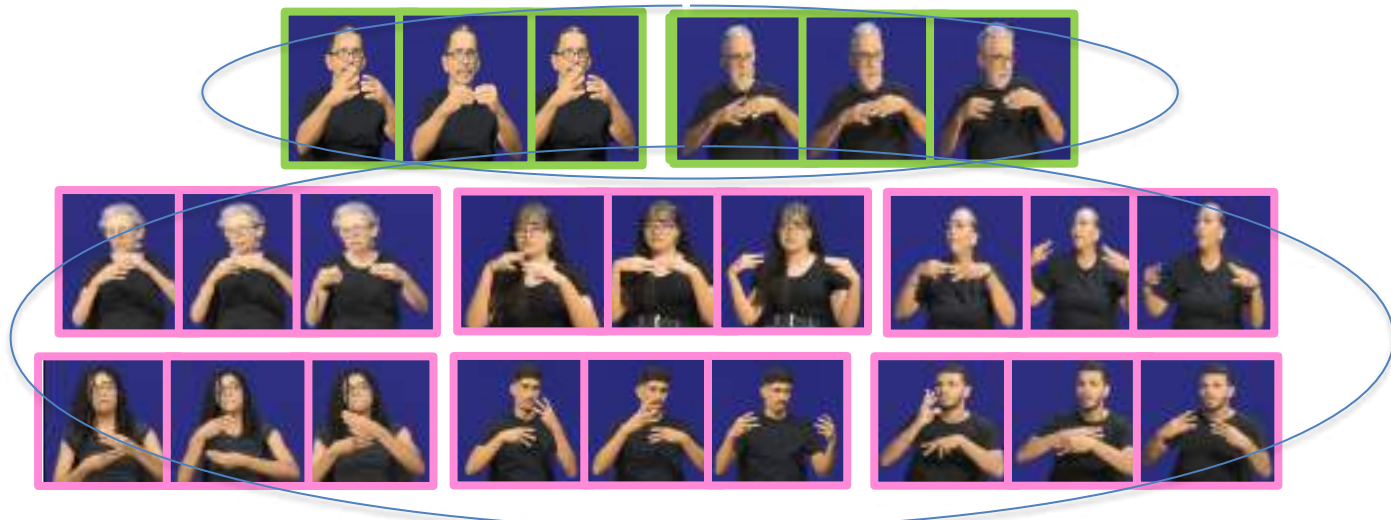
Na forma lexical em amarelo, o sinal é bimanual, simétrico e composto. Inicialmente, as mãos estão configuradas com o dedo polegar estendido e o dedo indicador parcialmente fletido nas articulações metacarpofalangeana e interfalangeana. A ponta dos polegares e dos indicadores fazem contato, formando um círculo. As mãos estão posicionadas no espaço neutro. As palmas das mãos estão voltadas para a medial. Posteriormente, as mãos estão parcialmente fletidas e localizadas na região das bochechas, nas quais ocorre contato, e há movimento de fechamento das mãos. Esse sinal parece remeter à casca enrugada do maracujá através do uso do corpo, cujo ponto de articulação do sinal (bochechas) parece indicar as rugas da região do rosto.

² Ao mencionar a maçã do rosto, estamos nos referindo à região anatômica do rosto acima da bochecha.

Por sua vez, na forma lexical destacada em roxo, o sinal é monomaneal. A mão está parcialmente fletida e localizada na região da bochecha. Há contato com essa região e também um movimento de fechamento da mão. Assim como a forma destacada em amarelo, esse sinal parece remeter à casca enrugada do maracujá através do uso do corpo.

Já na Figura 67 podemos verificar as variações do sinal MACARRÃO. Os sinais apresentados codificam duas formas lexicais diferentes, sendo todos bimanuais e simétricos. A diferença entre as duas formas envolve a configuração de mão e o movimento. Um círculo abarca cada uma das formas lexicais.

Figura 56 – Variação do sinal MACARRÃO



Fonte: elaboração própria (2025).

Nos sinais destacados em verde, as mãos estão abertas. Os dedos estão parcialmente fletidos nas articulações metacarpofalangeanas e estendidos nas articulações interfalangeanas. Há um movimento de flexão das articulações metacarpofalangeanas e um discreto afastamento das mãos. As mãos são articuladas no espaço neutro. As palmas estão orientadas para trás.

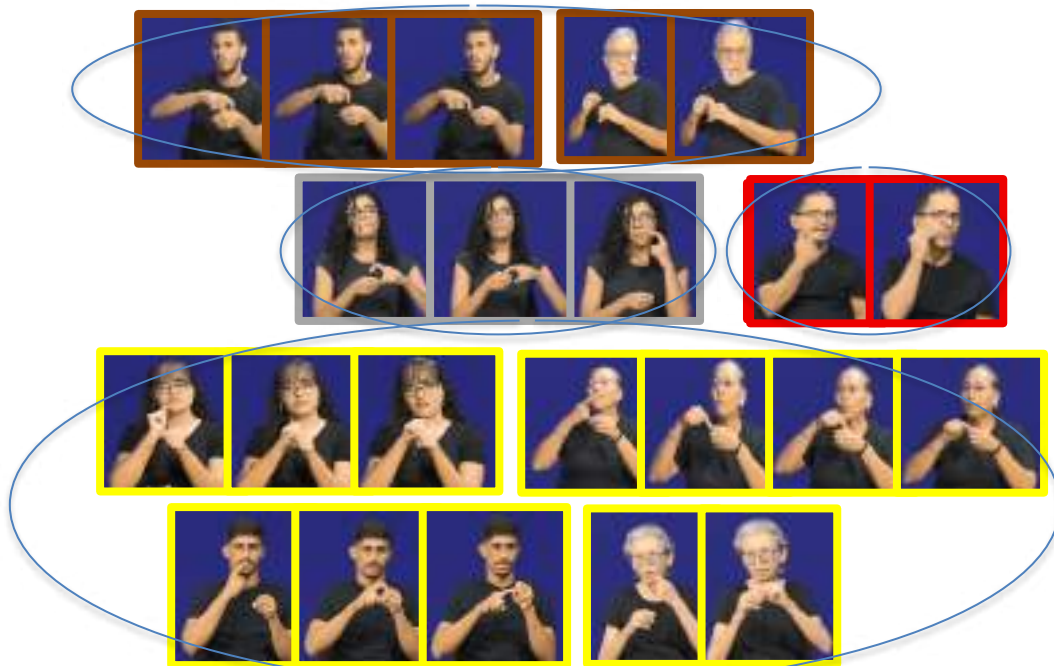
Nos sinais destacados em rosa, as mãos estão configuradas com os dedos indicador, médio e anelar estendidos e os demais dedos fletidos. Há um movimento circular simultâneo e consecutivo e, posteriormente, um discreto afastamento das mãos. O sinal é realizado no espaço neutro. As palmas das mãos estão orientadas para trás.

Há variação na configuração de mão. Nos sinais destacados em verde, observamos que a configuração é mãos abertas e que os dedos estão parcialmente fletidos nas articulações metacarpofalangeanas e estendidos nas articulações interfalangeanas. Nos sinais destacados em rosa, observamos que a configuração é mãos com os dedos indicador, médio e anelar estendidos e com os demais dedos fletidos.

Em relação à variação no movimento, observamos que nos sinais destacados em verde, acontece movimento de flexão das articulações metacarpofalangeanas e discreto afastamento das mãos. Nos sinais destacados de rosa, acontece movimento circular simultâneo e alternado, seguido de um discreto afastamento das mãos.

Por sua vez, a Figura 68 ilustra as variações do sinal MORANGO. Os sinais apresentados codificam quatro formas lexicais diferentes. Entre eles, um sinal é simples e monomanual e três sinais são compostos, bimanuais e assimétricos. Um círculo abarca cada uma das formas lexicais.

Figura 57 – Variação do sinal MORANGO



Fonte: elaboração própria (2025).

No sinal destacado em marrom, a mão dominante está com o dedo indicador parcialmente fletido nas articulações interfalangeanas. A mão não dominante está fechada, com todos os dedos fletidos. A ponta do dedo indicador da mão dominante faz contato repetido em diferentes regiões do dorso da mão não dominante, próximo à região do metacarpo do indicador e polegar. A palma da mão dominante está voltada para baixo e a da mão não dominante está voltada para trás.

O sinal destacado em cinza é composto. Na primeira unidade do sinal, a mão dominante está com o dedo indicador parcialmente fletido nas articulações interfalangeanas. A mão não dominante está fechada, com todos os dedos fletidos. A ponta do dedo indicador da mão

dominante faz contato repetido em diferentes regiões do dorso da mão não dominante, próximo à região do metacarpo do indicador e polegar. A palma da mão dominante está voltada para baixo e a da mão não dominante está voltada para trás. A segunda unidade do sinal é monomanual. A mão dominante está com o dedo indicador parcialmente fletido nas articulações interfalangeanas e faz contato repetido em diferentes regiões da bochecha (com a ponta do dedo indicador da mão dominante na região da bochecha).

No sinal destacado em vermelho, a forma lexical é composta e monomanual. Inicialmente, na primeira unidade lexical, a mão dominante está com o dedo indicador estendido e realiza movimento repetido de flexão nas articulações interfalangeanas, enquanto faz contato com o lábio inferior. Essa unidade é homônima do sinal VERMELHO. Posteriormente, na segunda unidade lexical, a configuração de mão está com os dedos parcialmente fletidos, com a ponta dos dedos em contato, e realiza um toque na região da bochecha. Essa unidade lexical é homônima de BEIJO.

Nos sinais destacados em amarelo, há composição. Na primeira unidade lexical, a mão dominante está com o dedo indicador estendido e realiza movimento repetido de flexão nas articulações interfalangeanas, enquanto faz contato com o lábio inferior. Essa unidade é homônima do sinal VERMELHO. Na segunda unidade lexical, há duas configurações envolvidas. A mão dominante está com o dedo indicador parcialmente fletido nas articulações interfalangeanas e a mão não dominante está fechada, com todos os dedos fletidos. A ponta do dedo indicador da mão dominante faz contato repetido em diferentes regiões do dorso da mão não dominante, próximo à região do metacarpo do indicador e polegar. A palma da mão dominante está voltada para baixo e a da mão não dominante está voltada para trás.

5.3.1 Variação fonético-fonológica




As formas lexicais a seguir ilustram a variação fonético-fonológica do sinal BATATA, porque apenas um parâmetro primário é diferente: configuração de mão. No primeiro sinal, destacado em vermelho, a mão dominante tem os dedos indicador, médio, anelar e mínimo estendidos e aduzidos e o polegar estendido e abduzido. A mão não dominante apresenta todos os dedos fechados.

No sinal destacado em cinza, a mão dominante também tem os dedos indicador, médio, anelar e mínimo estendidos e aduzidos e o polegar estendido e abduzido. A mão não dominante está configurada semelhantemente à mão dominante e, por isso, varia em relação ao sinal

destacado em vermelho. Por sua vez, no sinal destacado em rosa, todos os dedos estão estendidos e abduzidos e a mão não dominante apresenta todos os dedos fechados. Assim, a mão dominante varia em relação ao sinal destacado em vermelho e ao destacado em rosa. A mão não dominante varia em relação ao sinal destacado em cinza e aos sinais destacados em vermelho e rosa.

O Quadro 10 a seguir ilustra essa variação, sendo indicada em *itálico* a variação entre as formas apresentadas. Novamente, de acordo com os critérios elencados, apenas um parâmetro primário varia e, por isso, a variação é considerada fonético-fonológica.



Quadro 9 – Variação fonético-fonológica do sinal BATATA

Sinal	Parâmetros primários	Parâmetros secundários
	<p>1 – Configuração de mão Mão dominante Dedos selecionados: todos. Polegar: adução (-) e abdução (+). Demais dedos: <i>adução</i> (+) e abdução (-).</p> <p>Mão não dominante Dedos selecionados: todos. Dedos: adução (+) e abdução (-).</p> <p>2 – Ponto de articulação Mão não dominante.</p> <p>3 – Movimento Flexo-extensão na articulação metacarpofalangeana.</p>	<p>4 – Orientação da palma Mão dominante: medial. Mão não dominante: para trás.</p> <p>5 – Expressão facial Não há expressão.</p>
Sinal	Parâmetros primários	Parâmetros secundários
	<p>1 – Configuração de mão Mão dominante Dedos selecionados: todos. Polegar: adução (-) e abdução (+). Demais dedos: <i>adução</i> (+) e abdução (-).</p> <p>Mão não dominante Dedos selecionados: todos. Polegar: adução (-) e abdução (+). Demais dedos: <i>adução</i> (+) e abdução (-).</p> <p>2 – Ponto de articulação Mão não dominante.</p> <p>3 – Movimento Flexo-extensão na articulação metacarpofalangeana.</p>	<p>4 – Orientação da palma Mão dominante: medial. Mão não dominante: para trás.</p> <p>5 – Expressão facial Não há expressão.</p>
Sinal	Parâmetros primários	Parâmetros secundários
	<p>1 – Configuração de mão Mão dominante Dedos selecionados: todos. Dedos: adução (-) e <i>abdução</i> (+).</p> <p>Mão não dominante Dedos selecionados: todos. Dedos: adução (+) e abdução (-).</p> <p>2 – Ponto de articulação Mão não dominante.</p> <p>3 – Movimento Flexo-extensão na articulação metacarpofalangeana.</p>	<p>4 – Orientação da palma Mão dominante: medial. Mão não dominante: para trás.</p> <p>5 – Expressão facial Não há expressão.</p>

As formas lexicais a seguir ilustram a variação fonético-fonológica do sinal ABACAXI, porque apenas um parâmetro primário é diferente: configuração de mão. O sinal destacado em vermelho é bimanual e assimétrico. A mão não dominante está com todos os dedos estendidos e abduzidos. O sinal destacado em verde também é bimanual e assimétrico. A mão não dominante está configurada com todos os dedos fletidos (fechados).

O Quadro 10 a seguir ilustra essa variação, de modo que está destacada em *itálico* a variação entre as formas apresentadas. Novamente, de acordo com os critérios elencados, apenas um parâmetro primário varia e, dessa forma, a variação é considerada fonético-fonológica.

Quadro 10 – Variação fonético-fonológica do sinal ABACAXI

Sinal	Parâmetros primários	Parâmetros secundários
	<p>1 – Configuração de mão Mão dominante Dedos selecionados: todos. Polegar: adução (-) e abdução (+). Demais dedos: adução (+) e abdução (-).</p> <p>Mão não dominante Dedos selecionados: todos. Dedos: adução (-) e <i>abdução (+)</i>.</p> <p>2 – Ponto de articulação Mão não dominante.</p> <p>3 – Movimento Retilíneo de cima para baixo.</p>	<p>4 – Orientação da palma Mão dominante: para trás. Mão não dominante: para trás.</p> <p>5 – Expressão facial Não há expressão.</p>
Sinal	Parâmetros primários	Parâmetros secundários
	<p>1 – Configuração de mão Mão dominante Dedos selecionados: todos. Polegar: adução (-) e abdução (+). Demais dedos: adução (+) e abdução (-).</p> <p>Mão não dominante <i>Dedos selecionados: -.</i> Dedos: <i>adução (+)</i> e abdução (-).</p> <p>2 – Ponto de articulação Mão não dominante.</p> <p>3 – Movimento Retilíneo de cima para baixo.</p>	<p>4 – Orientação da palma Mão dominante: para trás. Mão não dominante: para trás.</p> <p>5 – Expressão facial Não há expressão.</p>

Fonte: elaboração própria (2025).


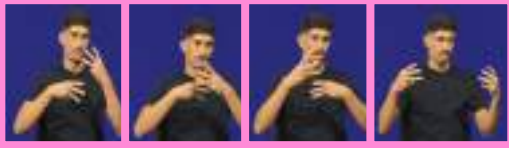
5.3.2 Variação lexical

Os itens que codificam o sinal MACARRÃO, a seguir, ilustram uma variação a nível lexical, porque dois parâmetros primários são diferentes: a configuração de mão e o movimento.

Nos sinais destacados na cor verde, as mãos estão abertas. Os dedos estão parcialmente fletidos nas articulações metacarpofalangeanas e estendidos nas articulações interfalangeanas. Há um movimento de flexão das articulações metacarpofalangeanas e um discreto afastamento das mãos. Nos sinais destacados em rosa, as mãos estão configuradas com os dedos indicador, médio e anelar estendidos e os demais dedos fletidos. Há um movimento circular simultâneo e alternado e, posteriormente, um discreto afastamento das mãos.

O Quadro 11 ilustra essas variações, estando elas indicadas em *itálico*. Novamente, dois parâmetros primários variam e, de acordo com os critérios elencados, a variação é considerada lexical.

Quadro 11 – Variação lexical do sinal MACARRÃO

Sinal	Parâmetros primários	Parâmetros secundários
	<p>1 – Configuração de mão Dedos selecionados: <i>todos</i>. Polegar: <i>adução (+) e abdução (-)</i>. Demais dedos: <i>adução (-) e abdução (+)</i>.</p> <p>2 – Ponto de articulação Espaço neutro.</p>	<p>4 – Orientação da palma Para trás.</p> <p>5 – Expressão facial Não há expressão.</p>
Sinal	Parâmetros primários	Parâmetros secundários
	<p>1 – Configuração de mão Dedos selecionados: <i>indicador, médio e anelar</i>. Dedos: <i>adução (-) e abdução (+)</i>.</p> <p>2 – Ponto de articulação Espaço neutro.</p> <p>3 – Movimento <i>Circular</i>.</p>	<p>4 – Orientação da palma Para trás.</p> <p>5 – Expressão facial Não há expressão.</p>




Fonte: elaboração própria (2025).

Os itens lexicais que codificam o sinal MARACUJÁ, a seguir, ilustram uma variação a nível lexical, porque dois parâmetros primários e um parâmetro secundário são diferentes: a configuração de mão, o ponto de articulação e a orientação da palma.

No item destacado em marrom, o sinal é simples e monomanal. A mão dominante está fechada, com os dedos fletidos, e posicionada na região da maçã do rosto. O sinal destacado em amarelo é bimanual simétrico e composto. Inicialmente, as mãos estão configuradas com o dedo polegar estendido e o dedo indicador parcialmente fletido nas articulações metacarpofalangeana e interfalangeanas. A ponta dos polegares e dos indicadores fazem contato, formando um círculo. Posteriormente, as mãos estão parcialmente fletidas e localizadas na região das bochechas, com a qual ocorre contato, e há um movimento de fechamento das mãos. Na forma lexical destacada em roxo, o sinal é monomanual. A mão está parcialmente fletida e localizada na região da bochecha, com a qual há contato, e ocorre um movimento de fechamento da mão.

No Quadro 13, encontram-se indicadas em *itálico* as variações entre as formas apresentadas. Retomando, dois parâmetros primários e um parâmetro secundário variam e, de acordo com os critérios elencados, a variação é considerada lexical.

Quadro 12 – Variação lexical do sinal MARACUJÁ

Sinal	Parâmetros primários	Parâmetros secundários
	<p>1 – Configuração de mão Dedos selecionados: -. Dedos: <i>adução</i> (+) e <i>abdução</i> (-).</p> <p>2 – Ponto de articulação <i>Maçã do rosto</i>.</p> <p>3 – Movimento Fechamento da mão.</p>	<p>4 – Orientação da palma <i>Para frente</i>.</p> <p>5 – Expressão facial Não há expressão.</p> <p>Sinal simples.</p>
	<p>1 – Configuração de mão Dedos selecionados: <i>todos</i>. Polegar: <i>adução</i> (-) e <i>abdução</i> (+). Demais dedos: <i>adução</i> (-) e <i>abdução</i> (+).</p> <p>2 – Ponto de articulação Espaço neutro.</p> <p>3 – Movimento <i>Flexo-extensão metacarpofalangeana e afastamento das mãos</i>.</p>	<p>4 – Orientação da palma Para trás.</p> <p>5 – Expressão facial Não há expressão.</p> <p>Sinal composto.</p>
	<p>1 – Configuração de mão Dedos selecionados: <i>todos</i>.</p> <p>2 – Ponto de articulação Bochecha.</p> <p>3 – Movimento Fechamento da mão.</p>	<p>4 – Orientação da palma <i>Medial</i>.</p> <p>5 – Expressão facial Não há expressão.</p> <p>Sinal simples.</p>

Fonte: elaboração própria (2025).

5.4 Variação em sinais de cores

Considerando os sinais relativos a cores, a Figura 58 a seguir ilustra as variações do sinal AMARELO. Consideramos que há uma unidade lexical com três formas variantes que acontecem a nível fonético-fonológico. Um círculo abarca as imagens, que representam uma mesma forma lexical.

O sinal é monomanual e sua configuração de mão envolve o dedo indicador estendido, com a palma da mão voltada para a medial. A mão faz contato com a região da testa/ nariz e faz movimento retilíneo de cima para baixo.

Na forma destacada em verde, a mão faz um movimento semi-circular enquanto faz o deslocamento de cima para baixo. Nas formas destacadas em azul, a mão está posicionada na região do nariz e faz o deslocamento retilíneo de cima para baixo. Nas formas destacadas em cinza, a mão está posicionada na região da testa e faz o deslocamento retilíneo de cima para baixo. Nesse sentido, há variação de movimento, por exemplo, entre a forma destacada em verde e as outras formas e ocorre variação relacionada ao ponto de articulação, por exemplo, entre as formas destacadas em azul e as outras formas.

Figura 58 – Variação do sinal AMARELO



Fonte: elaboração própria (2025).

A Figura 59 adiante ilustra os sinais que significam VERMELHO. Consideramos que há uma unidade lexical com quatro formas variantes que acontecem a nível fonético-fonológico. Um círculo abarca as imagens, que representam uma mesma forma lexical. A mão dominante está com o dedo indicador estendido, com a palma da mão voltada para trás e realiza movimento repetido de flexão nas articulações interfalangeanas, enquanto a ponta do dedo indicador faz contato com o lábio inferior.

Na forma destacada em amarelo, o dedo indicador e o polegar estão estendidos. O dedo indicador realiza contato com o lábio inferior. Há um movimento de deslocamento lateral da mão. Não há movimento nas articulações do dedo indicador. A palma da mão está voltada para

trás. Na forma destacada em verde, o dedo indicador e o polegar estão estendidos. O dedo indicador realiza contato com o lábio inferior. Há movimento de flexão nas articulações metacarpofalangeanas e interfalangeanas. Na forma destacada em azul, o dedo indicador e o polegar estão estendidos. O dedo indicador realiza contato com o lábio inferior. Há movimento de flexão nas articulações interfalangeanas. Nas formas destacadas em vermelho, o dedo indicador está estendido e realiza contato com o lábio inferior. Há um movimento de flexão das articulações interfalangeanas. A palma da mão está voltada para trás.

Nesse sentido, há variação da configuração de mão quanto ao polegar, aberto ou fechado, e ao movimento, com flexão das articulações interfalangeanas, flexão das articulações interfalangeanas e metacarpofalangeanas e movimento retilíneo lateral da mão.

Figura 59 – Variação do sinal VERMELHO



Fonte: elaboração própria (2025).

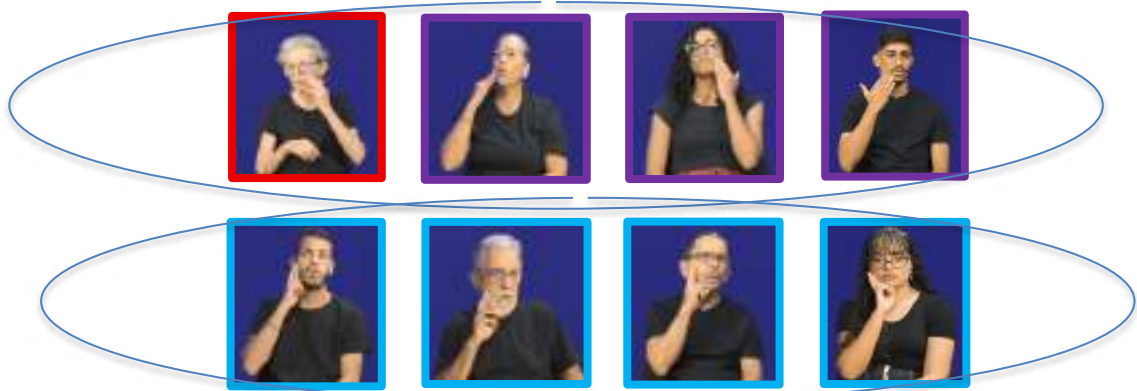
A seguir, a Figura 60 ilustra as variações do sinal ROSA. Entendemos que há duas formas lexicais. O sinal destacado em vermelho e os sinais destacados em roxo correspondem a uma mesma forma lexical, com variação a nível fonético-fonológico. Os sinais destacados em azul correspondem à segunda forma lexical. Um círculo contorna as imagens que representam uma mesma forma lexical.

Na forma destacada em vermelho, as mãos estão abertas, os dedos estão discretamente fletidos e abduzidos. A palma está voltada para a medial. O sinal é articulado na bochecha e realiza um movimento de pronosupinação do antebraço. Nos sinais destacados em roxo, a mão

está aberta, os dedos indicador, médio, anelar e mínimo estão estendidos e aduzidos. O dedo polegar está abduzido. A palma está voltada para a medial. O sinal também é articulado na bochecha e realiza um movimento de pronosupinação do antebraço.

Nos sinais destacados em azul, a configuração de mão ocorre com os dedos indicador e médio estendidos, abduzidos e sobrepostos (configuração em R). A palma da mão está voltada para a medial. O sinal é articulado na bochecha e realiza movimento circular. Nesse sentido, há variação em relação à configuração de mão e ao movimento.

Figura 60 – Variação do sinal ROSA



Fonte: elaboração própria (2025).

Já a Figura 61 ilustra variações do sinal AZUL. Consideramos que há uma forma lexical. A variação entre as demais formas acontece a nível fonético-fonológico. Um círculo contorna as imagens que representam uma mesma forma lexical.

Na forma lexical destacada em vermelho, a mão está configurada com os dedos indicador e polegar estendidos (mão configurada em L). Há um movimento de fechamento do dedo indicador e adução do dedo polegar, de maneira que a mão fica configurada em A (mão em A). Após esse movimento, há uma mudança de orientação da palma, por meio do movimento de supinação do antebraço. Nos sinais destacados em cinza, a mão está configurada com os dedos indicador e polegar estendidos (mão em L). Há um movimento de fechamento do dedo indicador e adução do dedo polegar, de modo que a mão fica configurada em A. Não há mudança na orientação da palma.

Nos sinais destacados em verde, a mão está configurada em A e realiza um movimento de abertura dos dedos indicador e abdução do dedo polegar, de forma que ela fica configurada em L. Há uma mudança na ordem de configuração de mão inicial e final envolvidas em relação aos sinais anteriores. No sinal destacado em roxo, a mão está aberta, com dedos parcialmente fletidos e abduzidos. Há um movimento de fechamento da mão, com a adução do dedo polegar,

de maneira que fica configurada em A. Na forma destacada em rosa, inicialmente, a mão está configurada em A. Ocorre um movimento de extensão do dedo indicador e do polegar, de modo que a mão fica configurada em L. Posteriormente, a mão volta a ficar configurada em A, com o dedo indicador fletido e o polegar aduzido.

Nesse sentido, há variação: da configuração de mão envolvida, por exemplo, na configuração da forma destacada em roxo, que varia em relação às outras configurações; da ordem das configurações de mão envolvidas, por exemplo, na ordem dos sinais destacados em cinza em relação à ordem dos sinais destacados em verde; e da orientação da palma, por exemplo, na forma destacada em vermelho em relação às demais formas.

Figura 61 – Variação do sinal AZUL



Fonte: elaboração própria (2025).

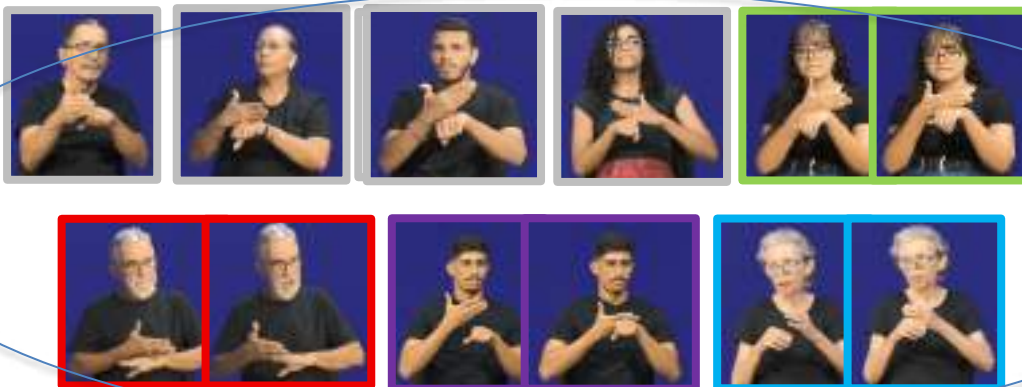
Adiante, a Figura 62 ilustra a variação do sinal BRANCO. Consideramos que há uma única forma lexical. A variação entre as formas acontece a nível fonético-fonológico. Um círculo contorna as imagens que representam uma mesma forma lexical.

Na forma lexical destacada em cinza, a mão dominante está aberta, com os dedos indicador, médio, anelar e mínimo estendidos e aduzidos. O dedo polegar está estendido e

abduzido. A palma da mão está voltada para trás. A mão não dominante está fechada, com a palma da mão está voltada para baixo. Há movimento retilíneo de uma área anterior para uma posterior (dorso da mão não dominante), em que há um deslizamento da mão dominante sobre o dorso da mão não dominante. No sinal destacado em verde, há uma mudança na configuração da mão não dominante, que está parcialmente com as articulações interfalangeanas fletidas. A palma da mão está voltada para baixo. Há um movimento retilíneo da parte anterior para a posterior (dorso da mão não dominante), em que há um deslizamento da mão dominante sobre o dorso da mão não dominante.

No sinal destacado em vermelho, também há uma mudança na configuração da mão não dominante, que está semelhante à mão dominante: aberta, com os dedos indicador, médio, anelar e mínimo estendidos e aduzidos. O dedo polegar está estendido e abduzido. Na forma destacada em roxo, há uma mudança na orientação da palma da mão dominante. Nesse sinal, a palma da mão está voltada para cima. Na forma destacada em azul, a mão dominante e a mão não dominante estão parcialmente fletidas com os dedos abduzidos. A palma da mão dominante está orientada para trás e a palma da mão não dominante está voltada para baixo. Há um movimento retilíneo da parte anterior para a posterior (dorso da mão não dominante), em que há um deslizamento da mão dominante sobre o dorso da mão não dominante.

Figura 62 – Variação do sinal BRANCO



Fonte: elaboração própria (2025).

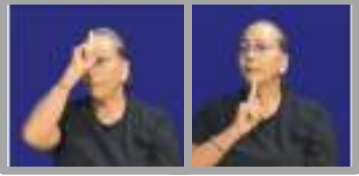
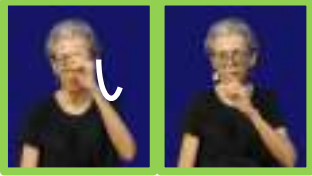

5.4.1 Variação fonético-fonológica

As formas lexicais a seguir ilustram a variação fonético-fonológica do sinal AMARELO, porque apenas um parâmetro primário é diferente: movimento e, em outro sinal,

ponto de articulação.

No Quadro 13 – Variação fonético-fonológica do sinal AMARELO Quadro 13, está indicada em *itálico* a variação entre as formas apresentadas. Novamente, de acordo com os critérios elencados, um parâmetro primário varia, ora sendo o movimento, ora sendo o ponto de articulação. Por isso, a variação é considerada fonético-fonológica.

Quadro 13 – Variação fonético-fonológica do sinal AMARELO


Sinal	Parâmetros primários	Parâmetros secundários
	1 - Configuração de mão Dedos selecionados: indicador. 2 - Ponto de articulação Testa (início). 3 - Movimento Retilíneo de cima para baixo.	4 - Orientação da palma Espaço neutro. 5 - expressão facial Não há.
Sinal	Parâmetros primários	Parâmetros secundários
	1 - Configuração de mão Dedos selecionados: indicador 2 - Ponto de articulação Testa (início) 3 - Movimento <i>Ondulado de cima para baixo.</i>	4 - Orientação da palma Espaço neutro. 5 - expressão facial Não há.
Sinal	Parâmetros primários	Parâmetros secundários
	1 - Configuração de mão Dedos selecionados: indicador. 2 - Ponto de articulação <i>Nariz (início).</i> 3 - Movimento Retilíneo de cima para baixo.	4 - Orientação da palma Espaço neutro. 5 - Expressão facial Não há.

Fonte: elaboração própria (2025).

As formas lexicais a seguir ilustram a variação fonético-fonológica do sinal VERMELHO, porque apenas um parâmetro primário é diferente.

O Quadro 14 ilustra essa variação entre as formas apresentadas, indicada em *itálico*. Novamente, de acordo com os critérios elencados, apenas um parâmetro primário varia, ora a configuração de mão, ora o movimento, e por isso a variação é considerada fonético-fonológica.

Quadro 14 – Variação fonético-fonológica do sinal VERMELHO

Sinal	Parâmetros primários	Parâmetros secundários
	<p>1 - Configuração de mão Dedos selecionados: <i>indicador e polegar</i>.</p> <p>2 - Ponto de articulação Lábio inferior.</p> <p>3 - Movimento Movimento retilíneo lateral.</p>	<p>4 - Orientação da palma Para trás.</p> <p>5 - Expressão facial Não há.</p>
Sinal	Parâmetros primários	Parâmetros secundários
	<p>1 - Configuração de mão Dedos selecionados: <i>indicador</i>.</p> <p>2 - Ponto de articulação Lábio inferior.</p> <p>3 - Movimento Flexão das articulações interfalangeanas.</p>	<p>4 - Orientação da palma Para trás.</p> <p>5 - Expressão facial Não há.</p>



Fonte: elaboração própria (2025).

5.4.2 Variação lexical

Os itens lexicais que codificam o sinal ROSA, a seguir, ilustram uma variação a nível lexical, porque dois parâmetros primários são diferentes: a configuração de mão e o movimento. No sinal destacado em azul, os dedos indicador e médio estão estendidos, aduzidos e sobrepostos (configurados em R). O sinal é articulado na bochecha e há um movimento circular. No sinal destacado em roxo, a mão está aberta, os dedos indicador, médio, anelar e mínimo estão estendidos e aduzidos. O polegar está abduzido. O sinal também é articulado na bochecha e há um movimento de pronosupinação.

O Quadro 16 ilustra destacada em itálico essa variação entre as formas apresentadas. Novamente, dois parâmetros primários variam, a configuração de mão e o movimento. Por isso, de acordo com os critérios elencados, a variação é considerada lexical.

Quadro 15 – Variação lexical do sinal ROSA

Sinal	Parâmetros primários	Parâmetros secundários
	<p>1 - Configuração de mão Dedos selecionados: <i>indicador e médio</i>.</p> <p>2 - Ponto de articulação Bochecha.</p> <p>3 - Movimento <i>Circular</i>.</p>	<p>4 - Orientação da palma Medial.</p> <p>5- Expressão facial Não há.</p>
Sinal	Parâmetros primários	Parâmetros secundários
	<p>1 - Configuração de mão Dedos selecionados: <i>todos os dedos</i>.</p> <p>2 - Ponto de articulação Bochecha.</p> <p>3 - Movimento <i>Prono-supinação</i>.</p>	<p>4 - Orientação da palma Medial.</p> <p>5 - Expressão facial Não há.</p>

Fonte: elaboração própria (2025).

5.5 Variação em sinais de parentesco

Adiante, a Figura 70 ilustra a variação do sinal VOV@, que consideramos incluir duas formas lexicais. Um círculo abarca os sinais que representam a mesma forma lexical.

Figura 63 – Variação do sinal VOV@



Fonte: elaboração própria (2025).

Nas formas destacadas em vermelho, o sinal é monomanual e simples. A mão está configurada com os dedos fechados, a palma da mão está voltada para trás e há um movimento de contato com o queixo de maneira repetida.

Quanto às formas destacadas em amarelo (relativas aos sinais de **HOMEM-VOV@** e **MULHERE-VOV@**), consideramos serem a mesma forma lexical que a indicada em vermelho. Neste caso (em amarelo), há justaposição dos sinais **HOMEM** e **MULHER** para indicar masculino e feminino.

Nas formas destacadas em azul, o sinal é monomanual e simples. A mão está posicionada na região do espaço neutro e configurada com o dedo polegar, o indicador e o médio estendidos. A palma da mão está voltada para frente. Há um movimento de flexão das articulações metacarpofalangeanas e os dedos têm sua extremidade tocada de maneira repetida.

Vemos uma nova unidade lexical, por haver, por exemplo, variação na configuração de mão, no ponto de articulação e no movimento.

Já na Figura 64 – Variação do sinal PAIa seguir, a variação do sinal PAI representa-se em duas formas lexicais. Um círculo abarca os sinais que representam a mesma forma lexical.

Figura 64 – Variação do sinal PAI



Fonte: elaboração própria (2025).

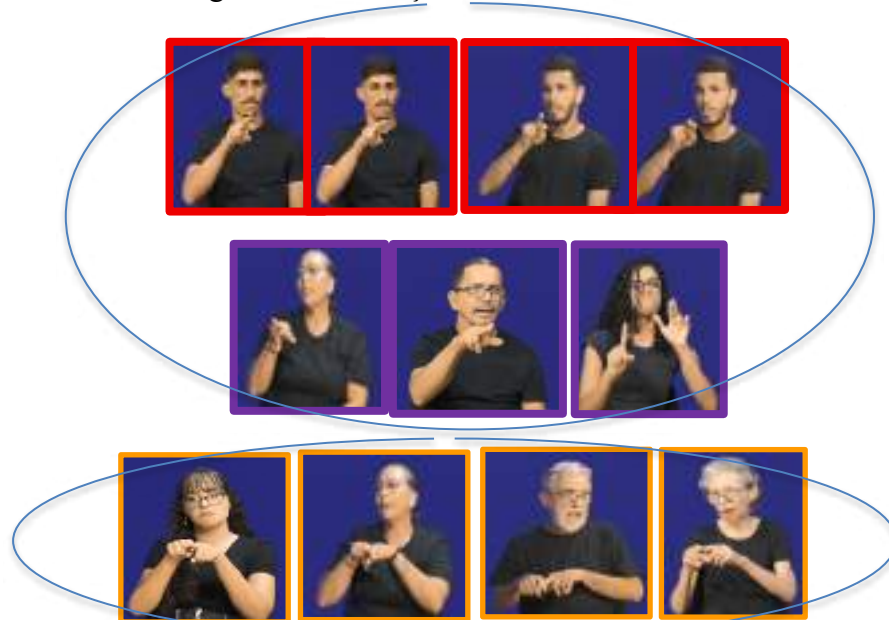
Na forma destacada em azul, o sinal é monomanual e simples. A mão está configurada com os dedos polegar, indicador e mínimo estendidos. A palma da mão está voltada para trás. Há contato da extremidade do dedo indicador com a localização próxima à base do nariz, em região ipsilateral. Após o contato, há um movimento de pronação do antebraço quando a mão se configura com o dedo indicador estendido e os demais dedos fechados. Nesse momento, a mão perde o contato com o rosto e se mantém no espaço neutro.

Nas formas destacadas em laranja, o sinal é monomanual e composto. Inicialmente, há a configuração de mão com o dedo polegar fletido na região metacarpofalangeana e os dedos indicador, médio, anelar e mínimo fletidos na região metacarpofalangeana, estendidos nas articulações interfalangeanas medial e distal, e aduzidos. Há um movimento retilíneo da mão no qual acontece um deslizamento dos dedos na região das bochechas. Posteriormente, a mão

configura-se fechada, com a palma voltada para baixo, e há um movimento de contato do dorso da mão com o queixo. Dessa forma, vemos uma variação a nível lexical, por haver variação de configuração de mão, movimento e ponto de articulação (três parâmetros primários).

Por sua vez, a Figura 65 ilustra a variação do sinal de parentesco IRMÃO. Entendemos que ocorrem duas formas lexical. Um círculo abarca os sinais que representam a mesma forma lexical.

Figura 65 – Variação do sinal IRMÃO



Fonte: elaboração própria (2025).

Na primeira forma lexical, destacada em vermelho, o sinal é monomaneiral e simples. Os dedos indicador e médio estão estendidos e os demais dedos estão fletidos (fechados). A palma da mão está voltada para baixo. Há um movimento de flexo-extensão na articulação metacarpofalangeana, de maneira alternada e repetida.

As formas destacadas em roxo são consideradas formas variantes em relação às destacadas em vermelho. Nesse caso, a variação acontece a nível fonético-fonológico. Nas formas destacadas em roxo, os dedos indicador, médio e polegar estão estendidos e os demais dedos estão fletidos (fechados). A palma da mão está voltada para baixo. Há um movimento de flexo-extensão na articulação metacarpofalangeana, de maneira alternada e repetida dos dedos indicador e médio.

Na forma destacada em laranja, o sinal é bimanual e simétrico. As mãos configuram-se com o dedo indicador estendido e os demais dedos fechados. Há contato na região lateral do dedo indicador. A palma das mãos está voltada para baixo. Ocorre um movimento retilíneo da

mão, indo para frente e para trás, de maneira repetida e alternada, enquanto os dedos permanecem em contato.

Sendo assim, consideramos que as formas destacadas em laranja variam a nível lexical, quando comparadas com as formas destacadas em roxo e vermelho, pois há diferença, por exemplo, dos parâmetros de configuração de mão e movimento, que são considerados primários.

Por outro lado, a Figura 66 ilustra os sinais de parentesco que significam FILHO. Consideramos que há uma forma lexical. A variação acontece a nível fonético-fonológico. O sinal é monomanual e simples. Um círculo abarca todos os sinais, pois representam a mesma forma lexical.

Figura 66 – Variação do sinal FILHO



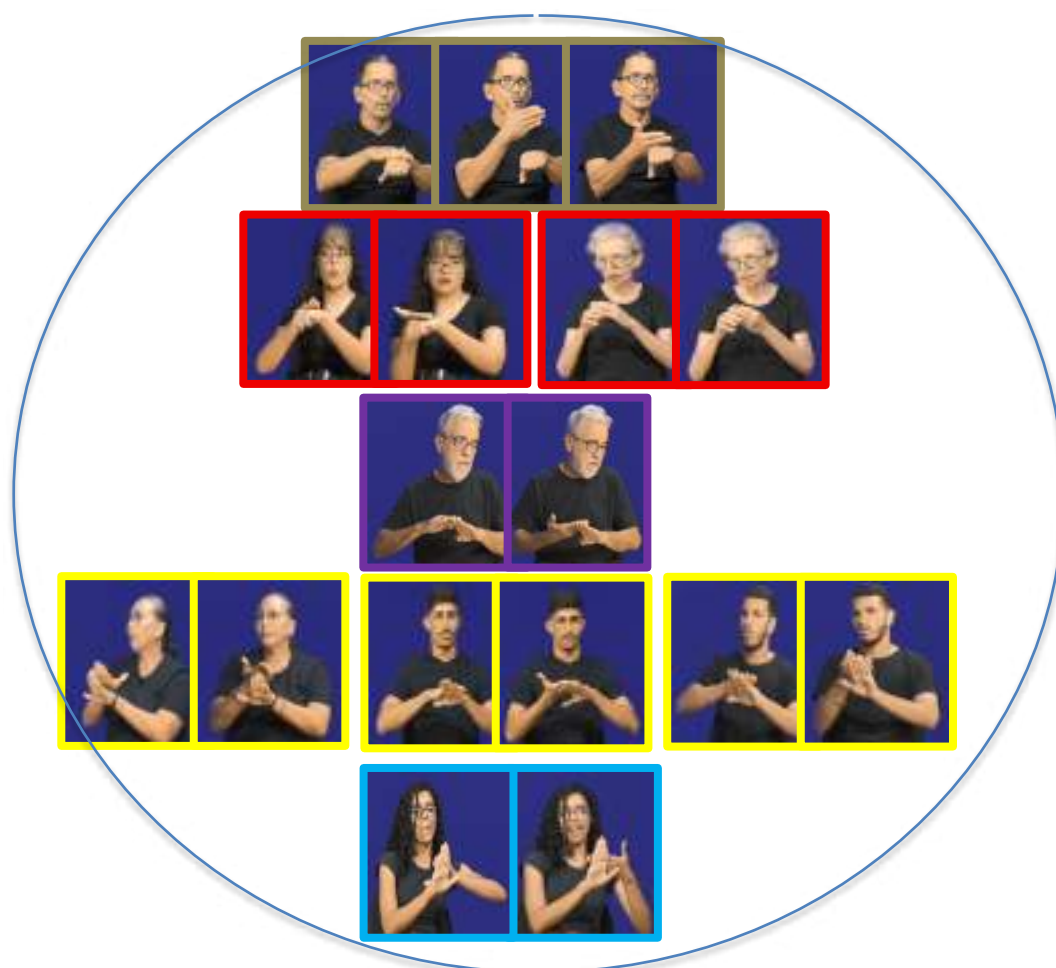
Fonte: elaboração própria (2025).

Nas formas destacadas em vermelho, a mão está configurada com os dedos abertos e abduzidos. Há uma discreta flexão da articulação metacarpofalangeana. A palma da mão está voltada para trás e há contato da ponta dos dedos com a região central do tórax. Ocorre um movimento de flexão das articulações metacarpofalangeanas, de forma que a ponta dos dedos perde o contato com o tórax e os dedos realizam contato entre si, enquanto há um movimento

retilíneo de deslocamento da mão para frente. Na forma destacada em azul, a configuração de mão e o movimento são os mesmos, diferindo-se o ponto de articulação. Na imagem destacada em azul, a mão faz contato com a região contralateral do tórax. Nesse sentido, consideramos que a variação acontece a nível fonético-fonológico, pois apenas um parâmetro forte varia: ponto de articulação.

Adiante, a Figura 67 ilustra a variação do sinal de parentesco CUNHADO. Entendemos que há uma forma lexical, sendo a variação a nível fonético-fonológico.

Figura 67 – Variação do sinal CUNHADO



Fonte: elaboração própria (2025).

Na realização dos sinais, há diferença na configuração da mão não dominante. Na forma destacada em cinza, o sinal é bimanual e simples. A mão dominante está configurada com os dedos estendidos. Os dedos indicador, médio, anelar e mínimo estão aduzidos. O polegar está abduzido em relação aos demais dedos. A palma da mão está voltada para baixo. A mão não

dominante está fechada, com o dedo polegar estendido na articulação interfalangeana. Há um movimento de toque da palma da mão dominante no dorso da mão não dominante. Em seguida, há um movimento de supinação da mão dominante com toque do dorso da mão dominante no dorso da mão não dominante.

Nas formas destacadas em vermelho, difere-se a posição do polegar da mão não dominante. A mão dominante está configurada com dedos estendidos. Os dedos indicador, médio, anelar e mínimo estão aduzidos. O polegar está abduzido em relação aos demais dedos. A palma da mão está voltada para baixo. A mão não dominante está fechada. Há um movimento de toque da palma da mão dominante no dorso da mão não dominante. Em seguida, há um movimento de supinação da mão dominante com toque do dorso da mão dominante no dorso da mão não dominante.

Na imagem destacada em roxo, há também diferença na forma da mão não dominante, que está com os dedos indicador, médio, anelar e mínimo estendidos e aduzidos. O polegar está fletido em relação aos demais dedos. A palma da mão está voltada para baixo. Há um movimento de toque da palma da mão dominante no dorso da mão não dominante. Em seguida, há um movimento de supinação da mão dominante com toque do dorso da mão dominante no dorso da mão não dominante.

Nas formas destacadas em amarelo, há uma diferença na posição do polegar da mão não dominante em relação à forma destacada em roxo. A mão dominante está configurada com os dedos indicador, médio, anelar e mínimo estendidos e aduzidos, mas o polegar está abduzido em relação aos demais dedos.



Na forma destacada em azul, há uma diferença na orientação da palma da mão não dominante em relação à forma destacada em amarelo. A palma da mão está voltada para frente. O padrão de movimento segue o mesmo em relação às demais formas.

5.5.1 Variação fonético-fonológica

Os sinais que codificam FILHO a seguir ilustram uma variação a nível fonético-fonológico, porque um parâmetro primário é diferente: o ponto de articulação. O sinal destacado em verde é realizado na região ipsilateral do tórax e o sinal destacado em vermelho é realizado na região central do tórax.

O Quadro 16 a seguir ilustra essa variação, indicando em *itálico* a diferença entre as formas apresentadas. Novamente, um parâmetro primário varia: ponto de articulação. Por isso, de acordo com os critérios elencados, a variação é considerada fonético-fonológica.

Quadro 16 – Variação fonético-fonológica do sinal FILH@




Sinal	Parâmetros primários	Parâmetros secundários
	<p>1 – Configuração de mão Dedos selecionados: todos.</p> <p>2 – Ponto de articulação <i>Região central do tórax.</i></p> <p>3 – Movimento Fechamento dos dedos e afastamento da mão.</p>	<p>4 – Orientação da palma Para trás.</p> <p>5 – Expressão facial Não há.</p>
Sinal	Parâmetros primários	Parâmetros secundários
	<p>1 – Configuração de mão Dedos selecionados: todos.</p> <p>2 – Ponto de articulação <i>Região contralateral do tórax.</i></p> <p>3 – Movimento Fechamento dos dedos e afastamento da mão.</p>	<p>4 – Orientação da palma Para trás.</p> <p>5 – Expressão facial Não há.</p>

Fonte: elaboração própria (2025).

Já no Quadro 18, os sinais representados codificam CUNHADO, sendo a sua variação a nível fonético-fonológico, porque um parâmetro primário e um parâmetro secundário são diferentes, respectivamente, a configuração de mão (mão não dominante) e a orientação da palma (da mão não dominante).

No Quadro 18, as variações estão destacadas em *itálico*. Reforçamos que, de acordo com os critérios elencados, a variação é considerada fonético-fonológica, porque um parâmetro primário e um parâmetro secundário variam: configuração de mão e orientação da palma.

Quadro 17 – Variação fonético-fonológica do sinal CUNHADO



Sinal	Parâmetros primários	Parâmetros secundários
	<p>1 – Configuração de mão Mão dominante: todos os dedos selecionados. Mão não dominante: <i>polegar</i>.</p> <p>2 – Ponto de articulação espaço neutro</p> <p>3 – Movimento Rotação do antebraço (supinação)</p>	<p>4 – Orientação da Palma <i>Para baixo</i>.</p> <p>5 – Expressão facial Não há.</p>
	<p>1 – Configuração de mão Mão dominante: todos os dedos selecionados. Mão não dominante: <i>indicador, médio, anelar e mínimo</i>.</p> <p>2 – Ponto de articulação Espaço neutro.</p> <p>3 – Movimento Rotação do antebraço (supinação).</p>	<p>4 – Orientação da palma <i>Para baixo</i>.</p> <p>5 – Expressão facial Não há.</p>
	<p>1 – Configuração de mão Mão dominante: todos os dedos selecionados. Mão não dominante: <i>todos os dedos selecionados</i>.</p> <p>2 – Ponto de articulação Espaço neutro.</p> <p>3 – Movimento Rotação do antebraço (supinação).</p>	<p>4 – Orientação da palma <i>Para frente</i>.</p> <p>5 – Expressão facial Não há.</p>

Fonte: elaboração própria (2025).

5.5.2 Variação lexical

Em se tratando da variação léxica, podemos observar no Quadro 19 a seguir aquela relativa ao sinal IRMÃ@. Há uma diferença no parâmetro configuração de mão e no parâmetro movimento e, porque dois parâmetros primários diferem, a variação é lexical.

Quadro 18 – Variação lexical do sinal IRMÃ@

Sinal	Parâmetros primários	Parâmetros secundários
	<p>1 - Configuração de mão Dedos selecionados: <i>indicador e médio.</i></p> <p>2 - Ponto de articulação Espaço neutro</p> <p>3 - Movimento <i>Com flexo-extensão na articulação metacarpofalangeana, alternado e repetido.</i></p>	<p>4 - Orientação da palma Para baixo.</p> <p>5 - Expressão facial Não há.</p>
Sinal	Parâmetros primários	Parâmetros secundários
	<p>1 - Configuração de mão Mão dominante: <i>dedo indicador selecionado.</i> Mão não dominante: <i>dedo indicador selecionado.</i></p> <p>2 - Ponto de articulação Espaço neutro.</p> <p>3 - Movimento <i>Para frente e para trás, alternado e repetido.</i></p>	<p>4 - Orientação da palma Para baixo.</p> <p>5 - Expressão facial Não há.</p>

Fonte: elaboração própria

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou apresentar formas variantes a nível fonético-fonológico e a nível lexical na Libras, a partir de sinais utilizados por surdos idosos e jovens da cidade de Recife, considerando os sinais relativos a numerais, alimentos, cores e parentesco. O objetivo geral foi identificar formas variantes nesses sinais. Os objetivos específicos foram (1) identificar formas variantes a nível lexical e (2) a nível fonológico e (3) propor critérios para a distinção entre variação fonológica e lexical.

A análise envolveu participantes surdos da cidade de Recife que nasceram e vivem na cidade, ou que residem nela por mais de dez anos. Os dados foram coletados a partir de elicitación seguindo os métodos de estímulo, elicitación e gravação do Inventário da Língua Brasileira de Sinais que constitui o Corpus de Libras (Quadros *et al.*, 2020). Os dados foram analisados em uma perspectiva qualitativa com o auxílio do *software* ELAN.

Sobre os procedimentos de coleta de dados, percebemos alguns fatores limitadores. A elicitación em dupla foi uma limitação do estudo, pois a sinalização de um dos sinalizantes pode ter influenciado a sinalização do outro participante. Além disso, algumas imagens da elicitación não ficaram claras, mesmo tendo sido adaptadas, alguns sinais não foram produzidos por parte dos participantes, porque não compreenderam o comando, e o tempo de pesquisa também foi outro dos fatores limitadores que motivaram a redução do quantitativo de sinais que seriam analisados.

Vimos que há variação lexical e fonético-fonológica em sinais relacionados a parentesco, a numerais, alimentos e cores realizados por surdos jovens e idosos da cidade de Recife. Há variação no grupo de surdos jovens, no de surdos idosos e entre surdos jovens e idosos. A pesquisa mostrou essas formas variantes e estabeleceu critérios para a distinção entre variação fonético-fonológica e lexical.

A variação lexical acontece quando, no mínimo, dois parâmetros primários são diferentes. A variação fonético-fonológica acontece quando apenas um parâmetro primário é diferente, quando apenas um parâmetro primário e um secundário são diferentes, quando apenas um parâmetro secundário é diferente, ou quando dois parâmetros secundários são diferentes.

Em relação aos numerais, identificamos variação fonético-fonológica em todos os numerais analisados: sinais QUATRO, SEIS, SETE, DEZ e VINTE. Identificamos a variação lexical nos sinais de DEZ e VINTE. Nestes casos, parece se tratar de uma variação diacrônica, em que as formas variantes são oriundas de um processo de fusão de sinais compostos. Inicialmente, a forma era um sinal composto e, por um processo diacrônico, passa a ser um

sinal simples com movimento. Dessa maneira, há formas concorrentes oriundas de uma mesma origem.

Os sinais dos numerais QUATRO e SEIS apresentam uma única forma lexical e a variação identificada acontece a nível fonético-fonológico, com variação na orientação da palma (parâmetro secundário). O numeral SETE uma forma lexical e a variação identificada acontece a nível fonético-fonológico. Em algumas formas, há mudança na configuração da mão, em que o polegar pode estar aduzido ou abduzido, e na orientação da palma. Assim, as formas variantes ora envolvem um parâmetro primário, ou um parâmetro secundário.

Os sinais do numeral DEZ, entendemos que há três formas lexicais e que também há variação a nível fonético-fonológico. Há variação lexical, porque dois parâmetros primários são diferentes: a configuração de mão e o movimento. Há sinal composto, formado por suas suspenções (dois segmentos), e há sinal simples, com um segmento (movimento). Em relação ao numeral VINTE, consideramos que há duas formas lexicais e que, em uma das formas, há variação a nível fonético-fonológico. Novamente, em relação à variação lexical, dois parâmetros primários são diferentes: a configuração de mão e o movimento. Da mesma forma que o numeral DEZ, identificamos sinal composto, formado por suas suspenções (dois segmentos), e sinal simples, com um segmento (movimento). No caso de numerais compostos, sugerimos que há uma mudança diacrônica.

Em relação aos sinais relacionados a alimentos, o sinal BATATA apresenta uma forma lexical, com formas variantes a nível fonético-fonológico. Há variação na mão passiva. O sinal ABACAXI também apresenta uma forma lexical e formas variantes a nível fonético-fonológico, a partir de diferenças na mão dominante e na mão não dominante. Os sinais de MARACUJÁ codificam quatro formas lexicais diferentes. Duas delas são homônimos dos sinais DORMIR e SONO. As outras parecem remeter à casca enrugada do maracujá através do uso do corpo, cujo ponto de articulação do sinal (bochechas) parece indicar as rugas da região do rosto. Os sinais de MACARRÃO codificam duas formas lexicais, cuja diferença envolve a configuração de mão e o movimento. Os sinais de MORANGO codificam quatro formas lexicais diferentes. Em uma delas, o sinal VERMELHO faz parte da forma, através de composição. Parece ser um processo de extensão semântica. Identificamos ainda que uma das formas é homônimo de BEIJO.

Considerando os sinais relativos a cores, os sinais de AMARELO, VERMELHO, AZUL e BRANCO apresentam uma forma lexical, com variantes a nível fonético-fonológico. Os sinais de ROSA codificam duas formas lexicais.

Por fim, em relação aos termos de parentesco, os sinais de VOV@ e PAI codificam duas

formas lexicais. Trata-se de formas lexicais distintas, de origens distintas. Os sinais de FILHO e CUNHADO apresentam uma forma lexical. A variação acontece a nível fonético-fonológico. No caso de FIHO, a variação acontece no ponto de articulação. Em CUNHADO, a variação acontece, ora na configuração de mão (mão não dominante), ora na orientação da palma.

Sugerimos que mais dados sejam analisados, abrangendo um quantitativo maior de sinais relativos a numerais, a cores, a alimentos e a termos de parentesco, além de sinais de outros campos semânticos, para uma generalização mais robusta sobre os critérios de diferenciação entre variação lexical e variação fonético-fonológica.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos; CASSEB-GALVÃO, Vânia. Mudança linguística: fenômeno sociocognitivo de base funcional. *In*: BAGNO, Marcos; CASSEB-GALVÃO, Vânia; REZENDE, Tânia Ferreira (org.). **Dinâmicas funcionais da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2017. p. 9-33.
- BAGNO, Marcos. **Língua, linguagem e linguística**: pondo os pingos nos ii. São Paulo: Parábola, 2022.
- CLÁUDIA, Ana. **Ex-alunos do Instituto Sávio Domingos**. Facebook, 2024. Disponível em: <https://www.facebook.com/share/p/1AR79QUYby/?mibextid=xfxF2i>. Acesso em: 17 maio 2024.
- COSTA, Tatyana Sampaio Monteiro Pessoa da. **História cultural da comunidade surda de Manaus**: resgate baseado em fontes orais. 2023. 121 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Campus de Porto Nacional, Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, 2023.
- FACEBOOK. **Oficinas no Instituto Domingo Sávio Surdos Mudos**. Facebook, 2021. Disponível em: <https://www.facebook.com/share/sYtjDJnpZgNsVnwc/?mibextid=xfxF2i>; <https://www.facebook.com/share/pqBseK3rYZqr89cY/?mibextid=xfxF2i>. Acesso em: 8 jan. 2021.
- FERREIRA, Lucinda. **Por uma gramática de língua de sinais**. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.
- LIDDELL, Scott K.; JOHNSON, Robert E. American Sign Language: the phonological base. **Sign Language Studies**, New York, v. 64, p. 195-277, set./nov. 1989.
- PERLIN, Gladis. **O ser e o estar sendo surdos**: alteridade, diferença e identidade. 156 f. 2003. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.
- PERNAMBUCO. Lei nº 11.686, de 18 de outubro de 1999. Estabelece ser um meio de comunicação objetivo e de uso corrente, e dispõe sobre a implantação desta como língua oficial na Rede Pública de ensino para surdos. **Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco**, Recife, 1999.
- PRETI, Dino. **Sociolinguística**: os níveis de fala: um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira. São Paulo: Editora Nacional, 1974.
- QUADROS, Ronice Müller de; SILVA, Jair Barbosa; ROYER, Miriam; SILVA, Vinícius (org.). **Gramática da Libras**. Rio de Janeiro: INES, 2023.
- QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodernir Becker. **Língua de sinais brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Editora Mediação, 2004.
- QUADROS, Ronice Müller de et al. Inventário Nacional da Libras: relatório final. Florianópolis: UFSC, 2017.

RANGEL, Gisele. **História do povo surdo em Porto Alegre: imagens e sinais de uma trajetória cultural**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

RODRIGUES, Jadson. **Ex-alunos do Instituto Sávio Domingos**. Facebook, 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/share/p/14zfLPDU25/?mibextid=xfxF2i>. Acesso em: 13 jan. 2020.

SCHIMITT, Dionísio; LOHN, Juliana Tasca; QUADROS, Ronice Müller de. Variação lexical na Libras. *In*: QUADROS, Ronice Müller de; SILVA, Jair Barbosa; ROYER, Miriam; SILVA, Vinícius (org.). **Gramática da Libras**. Rio de Janeiro: INES, 2023. p. 242-266.

SILVA, Gleide Christiane Valesos. **Ex-alunos do Instituto Sávio Domingos**. Facebook, 2024. Disponível em: <https://www.facebook.com/share/p/14zfLPDU25/?mibextid=xfxF2i>. Acesso em: 25 jun. 2024.

SILVA, A. R.; XAVIER, A. N. Identificação, documentação e descrição de processos fonológicos na Libras. **Humanidades & Inovação**, v. 7, n. 11, p. 58-84, 2020.

SILVA, A. S. et al. Instituto Domênico Sávio: trinta anos a serviço do surdo em Pernambuco. **Revista Brasileira de Deficiência Mental**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 22-28, 1982.

SUVAG. **História**. SUVAG, [s. d]. Disponível em: <http://www.suvag.org.br/history.html>. Acesso em: 9 jul. 2024.

XAVIER, A. N. A estrutura interna dos sinais da Libras à luz do modelo de análise fonéticofonológica de Liddell e Johnson (1989). *In*: ALBRES, N. de A.; XAVIER, A. N. (org.). **Libras em estudo: descrição e análise**. 1. ed. São Paulo: FENEIS, 2012. p. 13-56.

XAVIER, André Nogueira. **Descrição fonético-fonológica dos sinais da língua de sinais brasileira**. 2006. Dissertação (Mestrado em Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2006.

XAVIER, Andre Nogueira; BARBOSA, Felipe Venâncio. Variabilidade e estabilidade na produção de sinais da Libras. **Domínios da linguagem**, Uberlândia, v. 11, n. 3, p. 983-1006, jul./set. 2017.

ZESHAN, Ulrike. Sign languages. *In*: DRYER, Mattheus; HASPELMATH, Martin (ed.). **The world atlas of language structures online**. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology, 2013. [Online]. Disponível em: <https://wals.info/chapter/139>.